

PODER ATRAVÉS DA ORAÇÃO

Edições Cristãs

Edições Cristãs

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

Poder através da oração

1ª edição brasileira: fevereiro de 1987

2ª edição brasileira: junho de 2014

Tradução: Yoshikazu Takiya

Capa: Daniel de Almeida Jané

ISBN:

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

EDIÇÕES CRISTÃS – EDITORA LTDA.

Caixa Postal 250

19900-970 – OURINHOS – SP – BRASIL

Endereço eletrônico: edicoescristas@uol.com.br

Site: www.edicoescristas.com.br

ÍNDICE

O Canal Divino de Poder
Nossa Capacidade Vem de Deus
O Exercício Mais Nobre do Homem
Falando a Deus em Pavor dos Homens
Como Alcançar Resultados Para Deus
Quando Realmente Oramos
Grandes Homens de Oração
O Segredo do Poder
Vitória do Lugar Silencioso
Sob o Orvalho do Céu
O Exemplo dos Apóstolos
O Que Deus Quer Que Nós Façamos

.oOo.

UMA PALAVRA DO TRADUTOR

O ministério do Evangelho de Cristo é constituído de dois outros ministérios inseparáveis: o da oração e o da Palavra.

Todos os crentes devem orar, mas o ministro deve considerar a oração como um ministério, assim como o faz com a pregação da Palavra.

A comissão **“ide e pregai”** foi dada a todos os que confessam o nome de Cristo. Contudo há uma vocação especial para exercer o ministério da Palavra. O mesmo acontece com a oração. O ministro do Evangelho não é apenas um profeta da parte de Deus junto ao povo e ao mundo, mas um sacerdote que intercede pelo povo junto a Deus. Muitos ministros têm-se esquecido da missão sacerdotal que lhes foi confiada e isto deve ser lembrado. O presente livro o fará plenamente.

Nenhuma dúvida alimento quanto à eficácia deste livro para despertar os ministros, pregadores e crentes a fim de orarem e orarem de um modo diferente, porque é o fruto da experiência e da vida do próprio autor.

Diz-se que o que Wesley fez por meio da pregação, Bounds fez através da oração.

Espero que, ao traduzi-lo, o tenha feito com o mesmo espírito com que foi escrito e deverá ser lido.

São Paulo, 3 de julho de 1957
Yoshikazu Takiya

.oOo.

CAPÍTULO 1

O CANAL DIVINO DE PODER

Estuda a santidade universal da vida. Disso depende a tua utilidade plena, pois teus sermões duram apenas uma ou duas horas, mas tua vida prega durante toda a semana. Se Satanás puder transformar um ministro cobiçoso em amante de louvor, de prazer, de iguarias, terá arruinado o seu ministério. Entrega-te à oração e obtém os teus temas, os teus pensamentos e as tuas palavras de Deus. Lutero empregava as suas melhores três horas em oração.

Robert Murray McCheyne

Estamos constantemente empenhados, senão obcecados, em arquitetar novos métodos, novos planos e novas organizações para fazer a Igreja progredir e assegurar a divulgação e a eficiência do Evangelho. Essa direção hodierna tem a tendência de perder a visão do homem ou afogar o homem no plano ou na organização.

O plano de Deus é usar o homem e usá-lo muito mais do que qualquer outra coisa. Homens são o método de Deus. A Igreja está procurando métodos melhores; Deus está buscando homens melhores. “Houve um homem enviado de Deus cujo nome era João”. A dispensação que anunciou e preparou o caminho de Cristo, estava confiada àquele homem, João.

“Um menino nos nasceu, um filho se nos deu” (Isaías 9.6). A salvação do mundo vinha do Filho embalado no berço. Paulo traz à luz o segredo do êxito dos homens que arraigaram o Evangelho no mundo, quando pôs em relevo o caráter pessoal desses homens. A glória e a eficiência do Evangelho dependem dos homens que o proclamam.

Quando Deus declara que *“quanto ao Senhor, Seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é perfeito para oom Ele”* (2 Crônicas 16.9), Ele declara a necessidade de homens e o fato de Deus depender de homens que são canal por meio do qual exerce Seu poder sobre o mundo. Essa verdade vital e urgente é o que esta era das máquinas tende a esquecer.

Esquecê-la é funesto para a obra de Deus como seria desastroso se o sol desaparecesse da abóbada celestial. Seguiriam trevas, confusão e morte.

O que hoje a Igreja necessita não é de mais e melhor maquinismo, de novas organizações ou mais e novos métodos, mas de homens a quem o Espírito Santo possa usar — homens de oração, homens poderosos na oração. O Espírito Santo não se derrama através dos

métodos, mas por meio dos homens. Não vem sobre maquinaria, mas sobre homens. Não unge planos, mas homens — homens de oração.

Um eminente historiador disse que os acidentes do caráter pessoal mais têm a ver com as revoluções das nações do que os historiadores, filósofos ou políticos democráticos o reconhecem. Essa verdade tem aplicação plena ao Evangelho de Cristo, ao caráter e à conduta dos seguidores de Cristo — Cristianiza o mundo e transforma nações e indivíduos. Em relação aos pregadores do Evangelho, é eminentemente verdadeiro.

Tanto o caráter como o sucesso do Evangelho estão confiados ao pregador. Ele faz ou desfaz a mensagem de Deus ao homem. O pregador é o tubo de ouro pelo qual o óleo divino flui. O tubo deve ser não só dourado, mas também aberto e sem rachaduras, para que o óleo flua bem, sem obstáculo e sem desperdício.

O homem faz o pregador. Deus deve fazer o homem. O mensageiro é, se possível, mais do que a mensagem. O pregador é mais que o sermão. O pregador faz o sermão.

Como o leite nutridor do seio materno é a própria vida materna, de igual modo tudo o que o pregador diz está matizado e impregnado daquilo que o pregador é. O tesouro está nos vasos de barro e o sabor do vaso nele se impregna e pode descorá-lo.

O homem, o homem todo, jaz atrás do sermão. A pregação não é tarefa de uma hora. É a manifestação de uma vida. São precisos vinte anos para fazer um sermão, porque são necessários vinte anos para formar o homem. O verdadeiro sermão é uma obra de vida. O sermão evolui porque o homem se desenvolve. O sermão é poderoso, porque o homem tem poder. O sermão é santo, porque o homem é santo. O sermão está cheio de unção divina, porque o homem está cheio de unção divina.

Paulo denominou-o "*Meu Evangelho*"; não que o tenha degradado por suas excentricidades pessoais ou desviado por apropriação egoísta, mas o Evangelho foi colocado no coração e no sangue do homem Paulo, como uma responsabilidade pessoal, para ser executada pelas peculiaridades paulinas, a fim de trazê-lo em chamas e poderoso pela ígnea energia da sua alma ardente.

Os sermões de Paulo — que lhes aconteceu? Onde estão eles? Esboços, fragmentos esparsos, flutuando no mar da inspiração! Mas, o homem Paulo, maior que os seus sermões, vive para sempre, em plena forma, figura e estatura com sua mão modeladora sobre a Igreja. A pregação é apenas uma voz. A voz morre no silêncio, o tema é esquecido, o sermão apaga-se da memória; no entanto, o pregador vive.

O sermão não pode elevar-se em suas forças vivificadoras acima dos homens. Homens mortos tiram de si sermões mortos e sermões

mortos matam. Tudo depende do caráter espiritual do pregador. Sob a dispensação judaica, o sumo sacerdote trazia um frontal de ouro com a inscrição “*Santidade ao Senhor*” em letras engastadas de joias. De igual modo, todo o pregador no ministério de Cristo deve ser moldado e dominado por essa mesma divisa sagrada. É uma vergonha berrante para o ministério cristão estar abaixo do sacerdócio judaico na santidade de caráter e na santidade de objetivo.

Jonathan Edwards disse: “Eu continuei com minha busca intensa de mais santidade e conformidade com Cristo. O céu que eu desejava era o céu de santidade”. O Evangelho de Cristo não é movido por ondas comuns. Não tem o poder de autopropagação. Move-se como se movem os homens que tomaram o encargo disso. O pregador deve personificar o Evangelho.

As características divinas e mais salientes do Evangelho devem estar nele incorporadas. O poder do amor, que constrange, deve estar no pregador como uma força relevante, excêntrica, que o domina todo e o faz esquecer-se de si mesmo. A energia da abnegação própria deve constituir seu ser, coração, sangue e ossos.

Ele deve seguir avante entre os homens como homem, revestido de humildade, cheio de brandura, prudente como a serpente, simples como a pomba; reunindo em si a sujeição de um escravo e o espírito de um rei, um rei de figura nobre, real e independente, e a simplicidade e doçura de uma criança. O pregador deve lançar-se a si mesmo, com todo o abandono de uma fé perfeita e esvaziada de si e um zelo que o consome, à sua obra para a salvação dos homens.

Sinceros, heroicos, compassivos e intemoratos mártires devem ser os homens que conquistam a geração e a moldam para Deus.

Se são tímidos contemporizadores e amigos das honras, se são amigos dos prazeres e medrosos, se a sua fé tem apenas pequena posse de Deus e de Sua Palavra, se a sua abnegação é quebrada por algum aspecto do ego ou do mundo, eles não podem apoderar-se da Igreja nem do mundo para Deus.

A pregação mais penetrante e forte do pregador deveria ser feita a si mesmo. Sua obra mais difícil, delicada, laboriosa e radical deve ser consigo. A instrução dos doze foi a grande, difícil e paciente obra de Cristo. Os pregadores não são produtores de sermões, mas formadores de homens e de santos; e só quem fez de si mesmo um homem e um santo está bem instruído para essa obra.

Não é de grandes talentos, de grandes estudos ou de grandes na rotina do culto. Para o púlpito moderno, a oração não é mais a força poderosa como o era na vida e no ministério de Paulo. Todo pregador que não faz da oração um poderoso fator em sua própria vida

e ministério é fraco como um agente no trabalho de Deus e impotente para fazer prosperar a Sua causa neste mundo.

.oOo.

CAPÍTULO 2

“NOSSA CAPACIDADE VEM DE DEUS”

Mas acima de tudo, ele sobressaiu na oração. A profundidade e a gravidade do seu espírito, a reverência e a solenidade das suas maneiras e comportamento, a raridade e a plenitude das suas palavras impressionaram muitas vezes até os estranhos e estes se admiraram como essas coisas traziam consolo aos outros. O quadro mais imponente, vivo e reverente que jamais senti ou contemplei, devo dizer, foi a sua oração. E verdadeiramente ela era um testemunho. Conheceu e viveu mais perto do Senhor do que qualquer outro, porque aqueles que O conhecem mais, têm maior razão para aproximar-se dEle com reverência e temor.

William Penn citado por George Fox

As bênçãos mais doces, por uma leve perversão, podem produzir o mais amargo fruto. O sol dá vida, mas as insolações matam. Prega-se para dar vida; mas se pode obter morte. O pregador possui as chaves: tanto para fechar como para abrir. A pregação é uma grande instituição divina para a sementeira e o amadurecimento da vida espiritual. Quando convenientemente executada, seus benefícios são incalculáveis; quando erradamente realizada, nenhum mal pode superar seus resultados danificadores.

É fácil destruir o rebanho, se o pastor fôr incauto ou o pasto fôr destruído; é fácil capturar a fortaleza, se as sentinelas estiverem adormecidas ou o alimento e a água forem envenenados. Investido de tais graciosas prerrogativas, exposto a tão grandes males, envolvendo tão numerosas e graves responsabilidades, seria uma caricatura da

astúcia do diabo e um libelo contra seu caráter e reputação, se este não empenhasse suas influências mestras para adulterar o pregador e a pregação.

Em face de tudo isto, a exclamação de Paulo *“para estas coisas quem é idôneo?”* não está fora de propósito.

Paulo diz: *“A nossa capacidade vem de Deus, o qual nos fez também capazes de ser ministros dum novo testamento, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata e o espírito vivifica”* (2 Coríntios 3.5, 6). O verdadeiro ministério é tocado por Deus, capacitado por Deus e formado por Deus. O Espírito de Deus está sobre o pregador, unguindo-o de poder, o fruto do Espírito está no seu coração, o Espírito de Deus vitaliza o homem e a palavra; sua pregação dá vida, concede vida como a primavera desperta vida; dá vida como a ressurreição dá vida; outorga vida ardente como o verão dá vida ardente; dá vida frutífera como o outono dá vida frutífera.

O pregador que ministra vida é um homem de Deus, cujo coração tem sempre sede de Deus, cuja alma está buscando a Deus constante e intensamente, cujos olhos estão postos só em Deus e em quem pelo poder do Espírito de Deus, a carne e o mundo foram crucificados e seu ministério é como a corrente abundante de um rio que dá vida.

A pregação que mata não é uma pregação espiritual. A capacidade de tal pregação não vem de Deus. Fontes inferiores e não Deus lhe deram energia e estímulo. O Espírito não se manifesta nem no pregador nem na pregação. Muitas espécies de forças podem ser projetadas e estimuladas por uma pregação que mata, mas elas não são forças espirituais.

Podem assemelhar-se às forças espirituais, mas são meramente sombras e falsificações; podem parecer que têm vida, mas essa vida está magnetizada. A pregação que mata é da letra; pode ter bela forma e ordem, mas continua a ser letra, letra rude e seca, casca nua e vazia. A letra pode ter nela o gérmen da vida, mas não tem a aragem da primavera para despertá-la; são sementes do inverno, tão duras quanto o solo hibernal, tão gélidas como o ar de inverno, e por elas não se derretem nem germinam.

A pregação da letra contém a verdade. Mas, ainda que verdade divina, sozinha não possui energia vivificante; deve ser revigorada pelo Espírito, com todas as forças divinas atrás de si. A verdade que não for vivificada pelo Espírito de Deus, embota tanto quanto ou mais do que o erro. Pode ser uma verdade sem mistura; mas, sem o Espírito, o seu matiz e o seu toque são mortais; sua verdade, erro; sua luz, trevas.

A pregação da letra não é unguida, nem suavizada, nem lustrada com óleo pelo Espírito. Pode haver lágrimas; lágrimas, porém, não podem pôr em movimento a maquinaria de Deus; as lágrimas podem

ser apenas uma brisa de verão sobre um iceberg coberto de neve, só derrete a superfície e nada mais. Podem haver emoção e ardor, mas é a emoção de um ator e ardor de um advogado.

O pregador pode sentir o entusiasmo do seu próprio brilhantismo, ser eloquente sobre sua própria exegese, ardente para transmitir o produto de seu próprio cérebro; o professor pode usurpar o lugar e imitar o fogo de um apóstolo; cérebros e nervos podem preencher o lugar e simular a obra do Espírito de Deus, e com estas forças a letra pode irradiar luz e brilhar como um texto iluminado, mas o brilho e a centelha serão tão destituídos de vida como o campo semeado de pérolas.

Um elemento mortal jaz atrás das palavras, do sermão, da ocasião, dos modos, da ação. O maior obstáculo está no próprio pregador. Não traz em si mesmo as forças poderosas que produzem vida. Pode não haver desconto na sua ortodoxia, honestidade, pureza ou ardor; mas, de algum modo, o homem, o homem interior, no íntimo, nunca se tenha quebrantado e sujeitado a Deus; sua vida interior não seja uma grande via para a transmissão da mensagem de Deus, do poder divino.

De alguma forma, é o ego e não Deus quem governa o santo dos santos. Em algum lugar, sem que disso tenha consciência, algum elemento espiritual incondutível tenha tocado no seu interior e a corrente divina tenha sido detida. Seu ser interior nunca sentiu o quebrantamento espiritual completo, sua total incapacidade; nunca aprendeu a clamar com um clamor indizível de desespero de si mesmo e impotência própria, até que venha o poder de Deus e o fogo divino e o encha, purifique e torne capaz.

O amor próprio e a aptidão própria, de alguma forma perniciosa, profanaram e violaram o templo que devia estar consagrado a Deus. A pregação vivificante custa muito ao pregador: a morte do ego, crucificação para o mundo, iluminação da própria alma. Só a pregação crucificada pode dar vida. E a pregação crucificada só pode vir de um homem crucificado.

.oOo.

CAPÍTULO 3

O EXERCÍCIO MAIS NOBRE DO HOMEM

Durante esta aflição, fui levado a examinar minha vida em relação à eternidade com mais atenção do que quando gozava saúde. Nesse exame relativo ao cumprimento dos meus deveres para com os meus semelhantes como um homem, um ministro cristão e um oficial da Igreja, eu estava aprovado pela minha própria consciência, mas, em relação ao meu Redentor e Salvador, o resultado foi diferente. Minha retribuição de gratidão e obediência dedicada não se comparavam com as minhas obrigações a Deus por ter-me remido, preservado e sustentado em meio às vicissitudes da vida desde a infância até a velhice. A frieza do meu amor a Ele, que me amou primeiro e fez tanto por mim, esmagou-me e confundiu-me e, para completar meu caráter indigno, não só negligenciara o cultivo da graça concedida em toda extensão do meu dever e privilégio, mas também, como falta desse cultivo, embora abundando em cuidado e trabalho inquietantes, declinara-me do primeiro zelo e amor. Eu estava confundido; humilhei-me, implorei misericórdia e renovei meu pacto de empenhar-me e dedicar-me sem reserva ao Senhor.

Bispo McKendree

A pregação que mata pode ser, e muitas vezes é, ortodoxa — dogmática e inviolavelmente ortodoxa. Amamos a ortodoxia. A ortodoxia é boa e é a melhor. É o puro e claro ensinamento da Palavra de Deus, os troféus ganhos pela verdade na sua luta com o erro, obstáculos que a fé levantou contra o transbordamento desolador da crença errada ou da incredulidade honesta ou negligente; mas a ortodoxia, clara e dura como cristal, vigilante e militante, pode ser apenas a letra de bela forma, de renome e bem estudada, a letra que mata. Nada é tão morto como uma ortodoxia morta, morta demais para especular, demasiadamente morta para pensar, para estudar ou para orar.

A pregação que mata pode ter discernimento e encerrar princípios, pode ser erudita e crítica em gosto, pode ter todas as minúcias da derivação e gramática da letra, pode ser capaz de compor a letra segundo seu perfeito padrão e iluminá-la como Platão e Cícero podem ser iluminados, pode estudá-la como um advogado estuda seus

manuais para formar seus autos ou para defender seu caso, e pode ser ainda como uma geada, uma geada mortífera.

A pregação-letra pode ser eloquente, esmaltada de poesia e retórica, borrifada de oração, temperada de sentimento, iluminada pelo gênio e tudo isso ainda pode ser só puros acessórios custosos e volumosos, flores raras e belas que embelezam o defunto.

A pregação que mata pode ainda não ter erudição, não ter qualquer refrigério de pensamento ou sentimento, revestida de elementos sem gosto ou especiarias insípidas, de estilo irregular e desalinhado, não tendo o sabor do recolhimento espiritual nem do estudo, não estar agraciada por pensamentos nem por expressão nem por oração. Quão grande e total a desolação sob tal pregação! Quão profunda a morte espiritual!

Essa pregação-letra lida com a superfície e a sombra das coisas e não com as próprias coisas. Não penetra a parte íntima. Não tem discernimento profundo, alcance forte, vida latente da Palavra divina. É verdadeira no seu exterior, mas o exterior é a casca que deve ser quebrada e penetrada para alcançar a amêndoa.

A letra pode estar vestida de tal modo a atrair e ser elegante, mas a atração não é em direção a Deus, nem é o fascínio do céu. A derrota está no pregador. Deus não o fez. Ele nunca estivera nas mãos de Deus como a argila nas mãos do oleiro. Ocupara-se *com* o sermão, seu pensamento e acabamento, sua redação e suas forças impressionantes, mas as profundas coisas de Deus nunca foram pensadas, estudadas, sondadas e experimentadas por ele. Nunca estivera de pé diante do “*trono alto e sublime*”, nunca ouvira os cânticos de serafim, nunca tivera visão nem sentira o impacto da imponente santidade, e clamara num completo abandono e desespero sob a consciência da fraqueza e da culpa. Nunca tivera a sua vida renovada, seu coração tocado, purificado, inflamado pela brasa viva do altar de Deus. Seu ministério tem poder de atrair o povo para si, para a igreja, para a forma e cerimônia; mas não há real atração para Deus, nem indução à comunhão doce, santa e divina.

A igreja tem sido refrescada, mas não edificada; agradada, mas não santificada. A vida é suprimida; há calafrio mesmo no verão; o solo está queimado. A cidade do nosso Deus transforma-se numa cidade de mortos; a Igreja, um cemitério e não um exército em batalha. Louvor e oração estão sufocados; a adoração, morta. O pregador e a pregação auxiliaram o pecado e não a santidade; povoaram o inferno e não o céu.

A pregação que mata é a pregação sem oração. Sem oração, o pregador gera a morte e não a vida. O pregador que é débil na oração, é débil em forças vivificantes. O pregador que se afastou da oração como

elemento conspícuo e predominante do seu próprio caráter despojou sua pregação do característico poder vivificador.

Há e haverá oração profissional, mas a oração profissional ajuda a pregação na sua obra de morte. A oração profissional enregela e mata tanto a pregação como a oração. Muito da devoção frouxa e das atitudes indolentes e irreverentes na oração congregacional é atribuído à oração profissional do púlpito. Longas, discursivas, secas e fúteis são as orações em muitos púlpitos. Sem unção ou coração, caem como uma geadá mortífera sobre todas as graças da adoração. São orações que trazem a morte. Todo o vestígio de devoção pereceu sob seu sopro. Quanto mais mortas forem elas, mais crescem em extensão. É necessária uma instância por oração curta, oração viva, oração realmente de coração, oração pelo Espírito Santo — oração direta, específica, ardente, simples e ungida, no púlpito. Uma escola para ensinar os pregadores a orarem oração que Deus considera como oração, seria mais benéfica para uma piedade verdadeira, adoração legítima e pregação real, do que todas ns escolas teológicas.

Para! Faça uma pausa! Considere! Onde estamos nós? Que estamos fazendo? Pregando para matar? Orando para matar? Orando a Deus, o grande Deus, o Criador de todos os mundos, o Juiz de todos os homens! Que reverência! Que simplicidade! Que sinceridade! Que verdade é exigida nas partes íntimas! Quão verdadeiros devemos ser! Quão sinceros! Orar a Deus é o exercício mais nobre, o esforço mais sublime do homem, o fato mais real! Que suprimamos para sempre a maldita pregação que mata e a oração que mata, e vamos pôr em prática a coisa real, a coisa mais poderosa: a oração que é realmente oração, e a pregação vivificadora que traz a força poderosa que sustenta o céu e a terra e que extrai os tesouros abertos e inesgotáveis de Deus para socorrer a necessidade e indigência extrema do homem.

.oOo.

CAPÍTULO 4

FALANDO A DEUS EM FAVOR DOS HOMENS

Olhemos frequentemente para Brainerd que derramava, nos bosques da América, a sua alma diante de Deus em favor dos pagãos que pereciam e nada o poderia tornar feliz a não ser a salvação deles. Oração — oração secreta, fervorosa e confiante — aí se origina toda piedade pessoal. Um devido conhecimento da linguagem onde um missionário vive, um temperamento moderado e cativante, um coração dedicado a Deus em recolhimento secreto, isto nos capacita, mais do que qualquer outro conhecimento e dons, nos tornamos instrumentos de Deus na grande obra de redenção humana.

Irmandade de Carey, Serampore (África)

Há duas tendências extremas no ministério. Uma é encerrar-se, ficando fora das relações com o povo. O monge, o eremita são exemplos disso; põem-se fora do convívio humano para estar mais perto de Deus. Falharam, naturalmente. O fato de estarmos a sós com Deus é útil quando empregamos Seus benefícios inestimáveis a favor dos homens. Hoje em dia, nem o pregador nem o povo pensa muito sobre Deus. O nosso anseio não é por isto. Encerramo-nos no nosso estudo, tornamo-nos estudiosos, roedores de livros, roedores da Bíblia, fazedores de sermão, notáveis pela literatura, pensamento e sermões; mas o povo e Deus, onde estão?

Fora do coração, fora da mente. Os pregadores, que são grandes pensadores e grandes estudiosos, devem ser os maiores na oração, pois, se assim não forem, serão os maiores dos apóstatas, dos profissionais insinceros, racionalistas e menos do que os menores dos pregadores na estimação divina.

A outra tendência é a de popularizar inteiramente o ministério. Não é mais homem de Deus, mas homens de negócios, do povo. Ora, não porque sua missão seja para o povo. Se pode mover o povo, criar um interesse, uma sensação a favor da religião, um interesse na obra da igreja, fica satisfeito. Sua relação pessoal com Deus não é o fator do seu trabalho. Nos seus planos a oração ocupa pouco ou nenhum lugar. O desastre e a ruína de tal ministério não podem ser avaliados pela aritmética terrena. O que o pregador é, na oração a Deus, para si e para o povo, será o seu poder para o bem real dos homens e será verdadeiramente frutífero e realmente fiel a Deus e ao homem para o tempo e para a eternidade.

É impossível ao pregador conservar seu espírito em harmonia com a natureza divina de sua sublime vocação sem que ore muito. Dizer que o pregador pode conservar-se equilibrado e apto, pela força do dever e

pela fidelidade laboriosa ao trabalho e à rotina do ministério, é um grave erro. Ainda que se dedique incessante e exigentemente à fatura do sermão como uma arte, um dever, um trabalho ou um prazer, tornar-se-á orgulhoso e endurecido, e seu coração se afastará de Deus por negligenciar a oração. O cientista perde a Deus na natureza. O pregador pode perdê-lo no seu sermão.

A oração refrigera o coração do pregador, conserva-o sintonizado com Deus e em simpatia com o povo; eleva o seu ministério acima da frieza profissional, torna frutífera a rotina e move todas as engrenagens com facilidade e com o poder da unção divina.

Spurgeon diz: “Naturalmente o pregador deve salientar-se sobre todos como um homem de oração. Ele orará como um crente comum, mesmo que seja um hipócrita. Orará mais do que os cristãos comuns, ainda que seja desqualificado do ofício que assumiu. Se vós como ministros não orais muito, sois dignos de compaixão. Se vós vos tornais negligentes na devoção sagrada, não só vós, mas o vosso povo também é digno de compaixão; e dia virá em que ficareis envergonhados e confusos. Todas as nossas bibliotecas e estudos são apenas vácuo comparados ao nosso recinto secreto. Os nossos períodos de jejum e de oração no Tabernáculo foram realmente dias sublimes; nunca o portão dos céus estivera tão largamente aberto; nunca os nossos corações estiveram tão perto da glória central”.

A oração que forma um ministério cheio de oração, não é uma pequena oração nele colocada como se põe perfume para dar-lhe um aroma agradável, mas a oração deve estar no corpo e constituir-se sangue e ossos. A oração não é um pequenino dever deixado no canto, nem uma função retalhada que se exerça nos fragmentos de tempo arrebatados ao trabalho e a outras ocupações da vida; mas significa que o melhor do nosso tempo, o coração do nosso tempo e da nossa energia devem ser dados.

Não significa hora de recolhimento absorvida em estudos ou engolfada com atividades dos deveres ministeriais; significa, porém, que o recolhimento espiritual deve estar em primeiro lugar, o estudo e a atividade em segundo e ambos refrigerados e tornados eficientes pela oração em secreto.

A oração que afeta a vida do ministro deve dar tom a esta mesma vida. A oração que dá côr e tendência ao caráter não é um passatempo curto e agradável. Deve penetrar tão fortemente no coração e na vida como “*o forte clamor e lágrimas*” de Cristo; e deve levar a alma a uma agonia de desejo como a oração de Paulo; deve ser um fogo alastrador e um poder como “*a oração eficaz e fervorosa*” de Tiago; deve ser de tal qualidade que, quando colocada no incensário de ouro e queimada diante de Deus, produza poderosas angústias e revoluções espirituais.

A oração não é um pequeno hábito incutido em nós desde o regaço de nossa mãe; nem é uns poucos segundos de ação de graças dada antes de uma refeição de uma hora, mas é um trabalho mais sério dos nossos mais sérios anos. Exige mais tempo e apetite do que as nossas refeições mais demoradas ou festas mais ricas. À oração que dá eficácia à nossa pregação deve dar-se maior importância. O caráter da nossa oração determinará o caráter da nossa pregação.

Uma oração ligeira fará uma pregação superficial. A oração torna forte a pregação, dá-lhe unção e torna-a penetrante. Em todo o ministério de bons resultados, a oração tem sido sempre uma tarefa séria. O pregador deve ser preeminentemente um homem de oração. Seu coração deve graduar-se na escola da oração. Só na escola da oração, o coração pode aprender a pregar. Nenhuma erudição pode suprir a falta de oração. Nem o zelo, nem a diligência, nem o estudo, nem os dons suprirão sua falta.

Falar aos homens a respeito de Deus é uma grande coisa; mas falar a Deus a favor dos homens é ainda maior. Quem não aprendeu a falar com Deus em favor dos homens, não pode falar bem e com real sucesso aos homens de Deus. Mais do que isto, as palavras sem oração, tanto no púlpito como fora dele, são palavras que amortecem.

.oOo.

CAPÍTULO 5

COMO ALCANÇAR RESULTADOS PARA DEUS

Conheceis o valor da oração: é preciosa e está acima de todo preço. Nunca, nunca a negligenciéis.

Sir Thomas Buxton

A oração é a primeira, a segunda, a terceira coisa necessária ao ministro. Orai, pois, meus caros irmãos; orai, orai, orai.

Edward Payson

A oração, na vida do pregador, no estudo do pregador e no púlpito do pregador, deve ser uma força considerável, influente e um ingrediente notável. Não deve ocupar o segundo plano, nem ser um mero revestimento. A ele é dado estar com o Senhor “*a noite inteira em oração*”. O pregador, para exercitar-se na oração que requer negação própria, é levado a olhar para o seu Mestre que, “*tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto, e ali orava*” (Marcos 1.35).

O gabinete do pregador deve ser um recinto secreto, um Betel, um altar, uma visão e uma escada de Jacó, para que todos os pensamentos possam subir até o céu antes de dirigirem-se aos homens; para que todas as partes do sermão possam ser arejadas pelo ar dos céus e capacitadas, porque Deus está no gabinete.

Assim como o motor não se põe em movimento até que haja ignição, a pregação, com toda a sua maquinaria, perfeição e elegância, permanece numa imobilidade morta quanto aos resultados espirituais, até que a oração a inflame e produza a corrente elétrica. A disposição, a clareza e a força do sermão serão farrapos, a menos que haja o impulso poderoso da oração nela, através dela e atrás dela. O pregador deve, pela oração, colocar Deus no sermão. O pregador deve, pela oração, mover a Deus em direção ao povo, antes de poder mover o povo para Deus por meio de suas palavras. O pregador deve ter tido a audiência e constante acesso a Deus antes de poder ter acesso ao povo. Para o pregador, o caminho aberto em direção a Deus é a garantia de um caminho aberto para o povo.

É necessário repetir e tornar a repetir que a oração como um mero hábito, como um desempenho de rotina ou ato profissional, é uma coisa morta e podre. Tal oração não se relaciona com a oração que pleiteamos. Damos ênfase sobre a oração verdadeira que implica e inflama todo elemento nobre da pessoa do pregador — oração que nasce da união vital com Cristo, e da plenitude do Espírito Santo, que emana de profundas e transbordantes fontes da compaixão terna e solicitude imperecível pelo bem eterno do homem; um zelo consumidor pela glória de Deus; uma inteira convicção da dificuldade e da delicadeza da obra do pregador e da necessidade imperativa do auxílio mais poderoso de Deus.

A oração alicerçada sobre estas convicções solenes e profundas é a única oração verdadeira. A pregação amparada por uma tal oração é a única que semeia as sementes da vida eterna nos corações humanos e forma homens para os céus.

É verdade que pode haver pregações populares, pregações agradáveis, pregações cativantes e pregações muito intelectuais, literárias e inteligentes, de boa extensão e forma, com pouca oração ou

sem ela; mas a que alcança o objetivo de Deus na pregação, deve nascer da oração desde o tema até a peroração, transmitida com energia e espírito de oração, capacitada a germinar, e conservada com força vital nos corações dos ouvintes pelas orações do pregador, mesmo muito depois de ter passado a ocasião.

Podemos desculpar-nos da pobreza espiritual da nossa pregação com muitas razões, mas a verdadeira causa será encontrada na falta de oração que anela pela presença de Deus no poder do Espírito Santo.

Há muitos pregadores que podem transmitir sermões de mestre segundo a sua capacidade; mas os efeitos são efêmeros e não entram como um fator no mundo espiritual onde a batalha terrível entre Deus e Satanás, entre os céus e o inferno, está sendo travada, porque eles não foram feitos poderosamente militantes e espiritualmente vitoriosos pela oração.

Os pregadores que alcançam poderosos resultados para Deus são os homens que prevaleceram nos seus pleitos com Deus, antes de aventurarem-se a pleitear com os homens. Os pregadores que são os mais poderosos nos recintos secretos de oração para com Deus são os mais poderosos, nos seus púlpitos, para com os homens.

Os pregadores são entes humanos e estão expostos, e muitas vezes apanhados, aos fortes turbilhões das correntes humanas. Orar é um trabalho espiritual e a natureza humana não gosta de tão árduo trabalho espiritual. A natureza humana deseja velejar para os céus pelo impulso de uma brisa favorável, sobre um mar cheio e calmo. Orar é um trabalho humilhante. Humilha o intelecto e o orgulho, crucifica a vanglória, assinala a nossa derrota espiritual e tudo isso é duro para a carne e o sangue. É mais fácil não orar do que suportar essas coisas.

Assim chegamos a um dos males clamorosos destes tempos, talvez de todos os tempos — pouca oração ou nenhuma. Destes dois males, talvez a pouca oração seja pior do que não orar. Orar pouco é uma espécie de desculpa, um desengano de consciência, uma farsa e uma ilusão.

A pequena consideração que damos à oração é evidente no pouco tempo que lhe devotamos. O tempo gasto em oração pelo pregador comum dificilmente entra na soma total do seu horário. Frequentemente, a única oração do pregador é feita à beira de sua cama, já de pijama, pronto para dormir e, de manhã, talvez acrescente uma oraçãozinha de cinco ou seis palavras antes de se vestir.

Quão fraca, vã e pequena é tal oração comparada com o tempo e a energia devotados à oração pelos homens santos mencionados na Bíblia e fora da Bíblia. Que oração pobre, mesquinha e infantil comparada à oração dos verdadeiros homens de Deus de todos os tempos!

Aos homens que pensam na oração como o seu principal trabalho e lhe devotam tempo de acordo com a sua alta avaliação da sua importância, Deus confia as chaves do Seu Reino e, através deles, Deus opera Suas maravilhas espirituais neste mundo. A grande oração é o sinal e selo dos grandes líderes de Deus e o penhor das forças conquistadoras com as quais Deus coroará os Seus servos.

O pregador tem a missão tanto de orar como de pregar. Sua missão será incompleta se ele não desempenhar bem ambas as coisas. O pregador pode falar com toda a eloquência humana e angélica; mas, a menos que ele possa orar com fé que arraste todo o céu em sua ajuda, a sua pregação será “*como o bronze que soa ou como o címbalo que retine*” para a obra permanente que honra a Deus e salva as almas.

.oOo.

CAPÍTULO 6

QUANDO REALMENTE ORAMOS

A causa principal da minha pobreza e da esterilidade espiritual é devida a uma negligência injustificável de oração. Posso escrever ou ler ou conversar ou ouvir com prontidão; mas orar é mais espiritual e íntimo do que qualquer dessas coisas e é do mais espiritual dos deveres que mais o meu coração carnal está pronto a fugir.

Oração, paciência e fé nunca foram desapontadas. Desde há muito tempo aprendi que, se devo ser ministro, só a fé e a oração devem fazer-me ministro. Quando posso encontrar meu coração em atitude e com liberdade para a oração, tudo o mais é comparativamente fácil.

Richard Newton

Pode ser colocado como axioma espiritual que, em todo o ministério realmente cheio de êxito, a oração é uma força evidente e controladora — evidente e controladora na vida do pregador, evidente e controladora na profunda espiritualidade da sua obra.

Um ministério pode ser ministério bem orientado sem oração; o pregador pode assegurar fama e popularidade sem orar; a maquinaria toda da vida do pregador e do seu trabalho pode funcionar sem o óleo da oração ou com tão pouco óleo que não dá para uma engrenagem; mas nenhum ministério pode ser espiritual e promover santidade no pregador e no seu povo sem que a oração se torne uma força evidente e controladora.

O pregador que realmente ora, põe Deus na obra. Deus não vem sobre a obra do pregador como uma rotina ou princípios gerais, mas Ele vem pela oração especial e sentimento de urgência.

Que Deus será encontrado por nós no dia em que nós O buscamos com todo o coração, é tão verdadeiro para o pregador como para o penitente.

O ministério cheio de oração é o único ministério que atrai ao pregador a simpatia do povo. A oração nos une aos homens assim como nos une a Deus.

Um ministério cheio de oração é o único ministério qualificado para o ofício e responsabilidades sublimes do pregador. Escolas, estudos, livros, teologia e pregação não fazem o pregador, mas só a oração o faz. A comissão de pregar confiada aos apóstolos foi uma folha branca até que fosse preenchida pelo Pentecostes que a oração trouxe.

O ministro, que ora muito, já passou para além das regiões comuns, dos homens de negócios, dos homens mundanos, da atração do púlpito; passou para além de um organizador eclesiástico, a uma região mais sublime e mais poderosa, à região do espiritual.

A santidade é o produto do seu trabalho; corações e vidas transformados apregoam a realidade, a veracidade e a natureza substancial do seu trabalho. Deus está com ele. Seu ministério não está baseado sobre princípios mundanos ou superficiais. Está profundamente abastecido com as coisas de Deus e profundamente disciplinado nelas. Sua comunhão longa e profunda com Deus em favor do Seu povo e a agonia do seu espírito em luta coroaram-no príncipe nas coisas de Deus. O gelo do profissionalismo foi derretido desde há muito sob a intensidade de sua oração.

Os resultados superficiais de muitos ministérios e a frieza de outros são causados pela falta de oração. Nenhum ministério pode ter sucesso sem que haja muita oração e essa oração deve ser fundamental, constante e crescente. O texto e o sermão devem ser o resultado da oração. O estudo deve ser banhado pela oração, todos os seus deveres impregnados de oração e todo o seu espírito deve ser o espírito de oração.

“Estou triste porque tenho orado tão pouco” era a tristeza profunda de um dos escolhidos de Deus, o remorso de um pregador. “Eu quero

uma vida de maior, mais profunda e mais real oração”, disse o finado Arcebispo Tait. Todos nós podemos dizer assim e isto podemos sustentar.

Os verdadeiros pregadores de Deus distinguiram-se num aspecto: eram homens de oração. Diferentes, muitas vezes, em muitos aspectos, no entanto tinham um ponto em comum. Eles podem ter partido de pontos diferentes e viajado por diferentes caminhos, mas convergiram a um só ponto: foram um na oração.

Para eles, Deus era o centro de atração e a oração, o caminho que conduzia a Deus. Estes homens não oraram ocasionalmente nem oraram pouco regularmente ou nos tempos que sobravam; oraram de tal modo que as suas orações entraram no seu caráter e o formaram; oraram de tal maneira a afetar sua própria vida e a vida de outros; de tal modo oraram que fizeram a história da Igreja e influenciaram o curso dos tempos.

Gastaram muito tempo em oração, não porque estavam olhando para a sombra do relógio de sol ou nos ponteiros do relógio, mas porque a oração era tão urgente para eles e era uma tarefa que dificilmente poderiam abandonar.

A oração era para eles o que foi para Paulo: um empenho e esforço sincero da alma; o que era para Jacó: uma luta e vitória; o que era para Cristo: *“grande clamor e lágrimas”*. Eles *“oraram com toda a oração e súplica no Espírito e vigiando nisto com toda a perseverança”*. A *“oração eficiente e fervorosa”* tem sido a arma mais poderosa dos soldados mais poderosos de Deus. Diz-se de Elias que era *“homem sujeito às mesmas paixões que nós e, orando, pediu que não chovesse, e, por três anos e seis meses não choveu sobre a terra. E orou outra vez, e o céu deu chuva e a terra produziu seu fruto”*. Esta declaração inclui todos os profetas e pregadores que moveram sua geração para Deus e mostra o instrumento pelo qual eles operaram suas maravilhas.

Ainda que muitas orações particulares por natureza devam ser curtas; ainda que as orações públicas comumente devam ser curtas e condensadas; embora haja lugar e valor na oração ligeira — na nossa comunhão com Deus, o tempo é um fator essencial para o seu valor. Bastante tempo gasto com Deus é o segredo de toda oração eficiente. A oração, que é sentida como uma força poderosa é o produto mediato ou imediato de muito tempo gasto com Deus.

As nossas orações curtas devem seu ponto de apoio e eficiência às orações longas que as precederam. A oração curta que prevalece não pode ser feita por uma pessoa que não tenha prevalecido com Deus numa luta poderosa de longa duração. A vitória da fé de Jacó não poderia ter sido alcançada sem aquela noite de luta.

Conquistar a Deus não se faz às pressas. Ele não concede Seus dons ao que vêm e vão fortuitos e apressados. Permanecer muito tempo com Deus é o segredo de conhece-LO e inspirar-se nEle. Ele cede à persistência de uma fé que O conhece. Cede as Suas mais ricas dádivas àqueles que declaram seu desejo e sua apreciação por elas pela constância e sinceridade de sua importunação. Cristo, que nisso e em outras coisas é o nosso Exemplo, empregou muitas noites inteiras em oração. Seu costume era orar muito. Ele tinha lugar habitual para orar.

Longo tempo gasto em oração constitui a vida e o caráter de Cristo. Paulo orava dia e noite. Daniel orava três vezes por dia, deixando de lado muitas coisas importantes. A oração de Davi pela manhã, ao meio-dia e à noite indubitavelmente, em muitas ocasiões, prolangava-se muito.

Embora não tenhamos dados específicos do tempo que estes santos homens da Bíblia gastaram em oração, há evidências de que eles dedicaram muito tempo e, em algumas ocasiões, era do seu costume empregar longos períodos para oração.

Não queremos afirmar que o valor de suas orações foi medido pela duração, mas nosso propósito é imprimir em nossas mentes a necessidade de permanecer em comunhão com Deus; se em nossa fé não se nota esta característica, ela é vazia e superficial.

Aqueles que manifestaram de maneira mais perfeita possível a Cristo através do seu caráter, e influíram neste mundo para o Senhor, são pessoas que gastaram muito tempo com Deus, até que isso se tornasse uma das características mais salientes da sua vida.

Charles Simeon devotava de quatro a oito horas da manhã a Deus. Wesley gastava duas horas diariamente em oração. Ele começava às quatro horas da manhã. Uma pessoa, que o conhecia bem, dele escreveu: “Ele julgava que a oração era o trabalho mais importante que havia. E o vi sair do lugar de recolhimento com uma serenidade no rosto que quase brilhava”.

John Fletche impregnou as paredes do seu quarto com o hálito de suas orações. Algumas vezes passava a noite inteira em oração; sempre, frequentemente e com grande intensidade. Toda a sua vida era vida de oração. “Não queria levantar-me da cadeira”, disse êle, “sem elevar o meu coração a Deus”. Sua saudação a um amigo era: “O senhor está orando?”.

Lutero disse: “Se eu deixar de empregar duas horas em oração todas as manhãs, o diabo terá vitória o dia inteiro. E tenho tanto trabalho que não posso realizá-lo sem gastar três horas diariamente em oração.” Seu lema era: “Aquele que orou bem, estudou bem”.

O Arcebispo Leighton ficava tanto a sós com Deus que parecia estar em meditação perpétua. “A oração e o louvor eram seu trabalho e seu prazer”, diz o seu biógrafo.

O Bispo Ken ficava tanto com Deus a ponto de dizer-se que a sua alma estava enamorada de Deus. Estava com Deus todas as manhãs antes do relógio assinalar três horas.

O Bispo Asbury disse: “Propus-me levantar às quatro horas da madrugada tanto quanto possível e gastar duas horas em oração e meditação”.

Samuel Rutherford, cuja fragrância de piedade ainda se faz sentir, levantava-se às três horas da manhã para encontrar-se com Deus em oração.

Joseph Alleine levantava-se às quatro horas para a sua tarefa de oração, permanecendo até as oito. Se ouvia que outros negociantes começavam seu trabalho antes dele se levantar, exclamava: “Oh, como isso me envergonha; não deveria o meu Senhor merecer mais do que os esses senhores”.

Aquele que aprendeu a orar tem livre acesso ao Banco do céu donde saca aquilo que necessita. Um dos mais santos e mais dotados de dons celestiais dentre os pregadores escoceses disse: “Devo empregar as minhas melhores horas para a comunhão com Deus. Esse é o meu mais nobre e mais eficiente emprego e não deve ser deixado de lado. As horas da manhã, das seis às oito, são as melhores horas, porque não há interrupção. A hora logo após o chá, a minha melhor hora, deveria ser solenemente dedicada a Deus. Não devo interromper o bom hábito de orar antes de dormir; mas devo prevenir-me contra o sono. Quando eu me acordo durante a noite, devo levantar-me e orar. Após o café da manhã, devo ter um tempo para intercessão”. Este era o plano de Robert Murray McCheyne.

O grupo metodista por sua oração envergonha-nos. “De 4 a 5 da manhã, oração particular; de 5 a 6 da tarde, oração particular.”

John Welch, o santo e maravilhoso pregador escocês, julgava que o dia estava perdido se não orava de oito a dez horas. Ele preparava o robe-de-chambre para usá-lo quando acordava à noite e orava. A sua esposa queixava-se dele quando o encontrava chorando prostrado no assoalho. Ele lhe replicava: “Oh, mulher, tenho a responsabilidade de 3.000 almas diante de Deus! E eu não sei quantos dentre eles têm a certeza da salvação”.

O Bispo Wilson diz: “No diário de H. Martyn, o espírito de oração, o tempo devotado ao dever e o seu fervor são as primeiras coisas que me impressionam”.

Payson dedicava tanto tempo à oração, e com tanta intensidade orava, que, pelo atrito constante de seus joelhos, se desgastou o local

do assoalho onde estava habituado a ajoelhar-se. O seu biógrafo diz: “Sua oração contínua, feita em qualquer circunstância, é o fato mais notável da sua vida e é isto o que deve ser feito por aquele que quer rivalizar-se com ele. Às suas orações ardentes e perseverantes devem, sem dúvida, em grande medida, seu sucesso notável e quase ininterrupto.”

O Marquês De Renty, para quem Cristo era a pessoa mais preciosa, ordenou a seu criado chamá-lo das suas devoções depois de meia hora. O criado, à hora indicada, viu a sua face através de uma abertura. A sua face estava assinalada com tal santidade que não teve coragem de chamá-lo. Seus lábios moviam-se, mas ele estava em completo silêncio. Esperou por uma hora e meia; então chamou-o. De Renty levantou-se dizendo que a meia hora era tão curta quando se está em comunhão com Cristo.

Brainerd disse: “Eu gosto de ficar sozinho na minha cabana onde eu posso gastar muito tempo em oração”.

William Brawell é famoso nos anais metodistas por sua santidade pessoal, pelo seu sucesso maravilhoso na pregação e pelas extraordinárias respostas a suas orações. Orava muitas horas seguidas. Viveu quase toda a sua vida sobre os joelhos. Ele visitava sua paróquia com o coração inflamado. E este fogo foi acendido pelo tempo que gastou em oração. Muitas vezes, gastou mais de 4 horas em oração contínua.

O Bispo Andrews empregava em geral cinco horas diariamente na oração e devoção.

Sir Henry Havelock gastava sempre as primeiras duas horas de cada dia com Deus. Se o acampamento se levantava às seis horas da manhã, ele se levantava às quatro.

O Conde Cairns levantava-se diariamente às seis horas para assegurar uma hora e meia para o estudo da Bíblia e oração antes de fazer o culto doméstico, às 7 horas e 45.

O sucesso do Dr. Judson na obra de Deus é atribuído ao fato de que ele gastava muito tempo em oração. Ele diz sobre isso: “Arranja os teus afazeres, se possível, de tal modo que possas devotar calmamente duas ou três horas, todos os dias, não somente para momentos devocionais, mas também para a oração em secreto e comunhão com Deus. Esforça-te sete vezes por dia a retirar-te do teu trabalho e dos teus companheiros e eleva a tua alma em recolhimento particular. Começa o dia devotando algum tempo logo depois da meia-noite, no meio do silêncio e escuridão da noite, para este trabalho santo. Que o amanhecer te encontre em oração. Permite que nove, doze, três, seis e nove da noite sejam testemunhas do mesmo trabalho. Sê resolutos na Sua Causa. Faze todos os sacrifícios para mantê-lo. Considera que o teu

tempo é curto e que o trabalho e os companheiros não devem roubar-te do teu Deus”. Impossível, dizemos, isso é fanatismo! O Dr. Judson construiu um império para Cristo e colocou os fundamentos do Reino de Deus no coração da Birmânia com granitos imperecíveis. E ele foi bem sucedido. Foi um dos poucos homens que influenciaram o mundo poderosamente em favor de Cristo.

Muitos homens de maiores dons e gênio, e mais letrados do que ele não influenciariam como ele; a obra religiosa deles é como rastros na areia, mas a obra do Dr. Judson foi como uma inscrição no diamante. O segredo da sua profundidade e duração deve-se ao fato de ter dado muito tempo à oração. Ele se conservou como um ferro em brasa por meio da oração e o formão de Deus deu-lhe a forma com poder imperecível. Nenhum homem pode realizar uma obra perdurável e grande em favor de Deus, se não for um homem de oração. Nenhum homem pode ser um homem de oração sem que dê muito tempo à oração.

É verdade que a oração é um simples cumprimento de um hábito comum e mecânico? É uma pequena representação que ensaiamos, cujos principais elementos são a brevidade e a superficialidade? “É verdade que a oração é, como se pensa, um pequeno afluxo de sentimento que emana de uma meditação sem vida e leve de alguns momentos?” Canon Liddon continua: “permitamos que respondam os que realmente oram. Eles, algumas vezes, comparam a oração com a luta do Patriarca Jacó com o Poder Desconhecido durante toda a noite e mesmo até a madrugada, na vida dos crentes zelosos.

Outras vezes, refere-se à intercessão ordinária como luta que exija todos os esforços, como dizia São Paulo. Eles têm, quando oram, seus olhos fixos no Grande Intercessor de Getsêmani, cujo *“suor tornou-se em grandes gotas de sangue que corriam até ao chão”* por causa da agonia de resignação e sacrifício. Importunação é da essência da oração eficiente. Importunação não significa devaneio, mas um trabalho sustentado com esforços. É pela oração especialmente que *“se faz violência ao reino dos céus e pela força se apoderam dele”* (Mateus 11.12).

O finado Bispo Hamilton dizia: “Não podemos obter resultados extraordinários sem que tenhamos o mesmo zelo na preparação do trabalho, chamado oração, e perseverança nele, como somos zelosos nos assuntos que, segundo a nossa opinião, são de grande interesse e de necessidade”.

.oOo.

CAPÍTULO 7

GRANDES HOMENS DE ORAÇÃO

Devo orar antes de ver qualquer pessoa. Às vezes, quando durmo demais, ou encontro com pessoas bem cedo já são 11 ou 12 horas, antes de eu começar a oração em secreto. Esse é um mau sistema. É antibíblico. Cristo levantou-se antes do amanhecer e foi a um lugar solitário. Davi diz: “de madrugada te buscarei;”, “de madrugada ouvirás a minha voz”. A oração familiar perde muito de suas forças e doçura e não posso fazer o bem àqueles que me procuram. A consciência sente-se culpada, a alma sem alimento, a candeia sem óleo. Então, muitas vezes, a alma não está em boa condição para a oração em secreto. Eu sinto que é muito melhor começar com Deus — ver a Sua face primeiro, elevar a minha alma para junto dEle antes de me aproximar dos outros.

Robert Murray McChyne

Os homens que mais fizeram para Deus neste mundo estiveram sobre seus joelhos de manhã. Aquele que desperdiça os primeiros momentos da manhã, empregando-os em outras coisas em vez de buscar a Deus, terá dificuldades em buscá-LO o resto do dia. Se Deus não está em primeiro lugar nos nossos pensamentos e esforços pela manhã, Ele estará no último lugar durante todo o resto do dia.

É o ardente desejo que nos impele a buscar a Deus, que nos faz levantar e orar bem cedo. Madrugada desprezada é índice de um coração morno. O coração que é tardio em buscar a Deus pela manhã, perdeu o sabor da comunhão com Deus.

O coração de Davi era ardente para com Deus. Ele tinha fome e sede de Deus, de modo que buscava a Deus bem cedo antes da luz do dia. A cama e o sono não podiam prender a sua alma sedenta de Deus. Cristo ansiava pela comunhão com Deus e assim, levantando-se bem antes do amanhecer, subiu à montanha para orar. Os discípulos,

quando despertados, ficaram envergonhados da sua negligência, pois sabiam onde encontrá-lo.

Se passássemos os olhos à lista dos homens que poderosamente influenciaram o mundo a favor de Deus, os encontraríamos orando bem cedo. O anseio para com Deus que não quebra as fadigas do sono é fraco e realizará muito pouco em favor de Deus, mesmo que possa satisfazer-se a si mesmo. O anseio por Deus, que nos conserva bem longe do diabo e do mundo, no alvorecer do dia, não se deixa embarçar por estas coisas. Não é um anseio simples que faz os homens marcharem e os torna capitães dos exércitos de Deus, mas anseio ardente que os aviva e quebra todas as cadeias de autoindulgência.

E o levantar cedo manifesta, aumenta e fortalece esse anseio. Mas, se eles permanecem no leito e são indulgentes para consigo mesmos, o anseio se extinguirá. Mas aquele anseio faz com que eles se despertem e busquem a Deus com todas as forças. Quando se considera e põe em prática esse anseio, a sua fé conquista a Deus e lhe concede a manifestação doce e transbordante de Deus ao seu coração. Esse poder e a manifestação transbordante tornam-nos santos por excelência, o halo de Sua santidade vem até nós e entramos no gozo de suas conquistas. Contudo, nós ficamos cheios de gozo e não de frutos. Construimos suas sepulturas e escrevemos seus epitáfios, mas somos cuidadosos em não seguir os seus exemplos.

Necessitamos de uma geração de pregadores que busquem a Deus de madrugada e dediquem a Deus a disposição de seus corações e seus esforços e assegurem, por outro lado, a plenitude do Seu poder, que Ele pode conceder-lhes, alegremente, como orvalho através de todo o calor e o labor do dia.

Nossa negligência para com Deus é um pecado clamoroso. Os filhos deste mundo são muito mais sábios do que nós. Eles se dedicam ao trabalho desde a madrugada até tarde da noite. Nós, porém, não buscamos a Deus com ardor e diligência. Ninguém alcançará a Deus sem buscá-lo com todo o esforço e nenhuma alma se põe a buscar a Deus com todas as forças a não ser pela madrugada.

.oOo.

CAPÍTULO 8

O SEGREDO DO PODER

Há uma falta manifesta de influência espiritual no ministério de hoje. Eu o sinto no meu próprio caso e o vejo no ministério de outros. Temo que haja entre nós um espírito de política e temperamento mundano em demasia. Estamos por demais preocupados em satisfazer o gosto de uns em prejuízo de outros. O ministério é um grande e santo trabalho e deve encontrar em nós um espírito simples e santo, mas humilde imparcialidade para todas as consequências. O defeito principal dos ministros cristãos é a deficiência de um hábito devocional.

Richard Cecil

Nunca houve maior necessidade de homens e mulheres santos; mais imperativo ainda é o chamado de pregadores santos e inteiramente devotados a Deus.

O mundo move-se com passos gigantescos. Satanás tem ascendência e domínio sobre o mundo e seus auxiliares para fazer todos os seus movimentos atingirem seus fins. A religião deve realizar o seu melhor trabalho e apresentar seus modelos mais atrativos e perfeitos. De qualquer modo, a santidade moderna deve estar inspirada nos ideais mais sublimes e nas possibilidades maiores por meio do Espírito.

Paulo vivia sobre os joelhos, para que a Igreja de Éfeso pudesse compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade de uma santidade incomensurável e “*fossem tomados de toda a plenitude de Deus*”. Epafras entregou-se a si mesmo ao trabalho exaustivo e conflito estrênuo de oração fervorosa para que a Igreja de Colossos pudesse “*ser conservada perfeita e plenamente convicta em toda a vontade de Deus*”.

Em qualquer lugar, em qualquer coisa dos tempos apostólicos, havia um esforço da parte do povo de Deus para chegar “*à unidade de fé e ao conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura completa de Cristo*”. Não havia prêmio para os anões; nem encorajamento à eterna infância. As crianças devem crescer; o velho, apesar da fraqueza, deve produzir fruto na velhice, ser abundante e próspero.

A coisa mais divina na religião cristã é homens santos e mulheres santas. Nenhuma soma de dinheiro, de gênio, ou de cultura, pode mover coisas para Deus. É a santidade que dá energia à alma. O

homem inflamado de amor, de anseio por mais fé, mais oração, mais zelo e mais consagração — este é o segredo do poder.

É dessas coisas que necessitamos e que devemos ter. Os homens devem ser a encarnação dessa devoção a Deus. O trabalho de Deus está estacionado e Sua Causa está claudicante e Seu Nome profanado pela falta dessas coisas. O gênio (embora seja o mais sublime e o mais dotado), a educação (embora a mais elevada e mais refinada), a posição, a dignidade, nomes honrados, altas autoridades eclesiásticas não podem mover este carro de guerra do nosso Deus. Somente o fogo pode movê-lo.

O gênio de um Milton falharia. A força imperial de um Leão falharia. O espírito de Brainerd pode movê-lo; o espírito de Brainerd estava inflamado para Deus e inflamado para as almas. Nada que vem do mundo ou do ego pode apagar a intensidade dessa força e desse fogo que tudo movia e tudo consumia. A oração é o criador e o canal da devoção. O espírito de devoção é o espírito de oração. A oração e a devoção estão unidas como a alma e o corpo e como a vida e o coração. Não há oração real sem devoção nem devoção sem oração.

O pregador deve submeter-se a Deus numa devoção mais santa. Ele não é um homem profissional, seu ministério não é uma profissão; é uma instituição divina, uma devoção divina. Ele é devotado a Deus. Seu objetivo, suas aspirações e sua ambição são para Deus e em direção a Deus. Para uma pessoa assim, a oração é tão essencial como o alimento o é para a vida.

O pregador, acima de todas as coisas, deve ser devotado a Deus. As relações do pregador com Deus são as insígnias e credenciais do seu ministério. Estas devem ser claras, conclusivas e irrefutáveis. Nenhum tipo comum e superficial de piedade deve estar nele. Se ele não abundar em graça, não pode estar acima de todas as coisas. Se não prega pela sua vida, seu caráter e sua conduta, nada prega. Se a sua piedade é leve, a sua pregação pode ser tão suave e doce como a música, tão dotada como Apolo, ainda assim seu peso será como o peso de uma pena, visionário e flutuante como a nuvem da manhã ou do raiar do dia.

Devoção a Deus — é insubstituível no caráter e na conduta do pregador. A devoção à Igreja, às opiniões, a uma organização e à ortodoxia — essas são mesquinhas, inúteis e vãs quando se trata de serem a fonte de inspiração e o motivo da vocação. Deus deve ser a fonte principal do esforço do pregador, a fonte e a coroa de todas as suas obras.

O Nome e a honra de Jesus Cristo, o progresso da Sua causa devem ocupar toda a sua atenção. O pregador não deve ter outra inspiração a não ser o Nome de Jesus Cristo, nenhuma outra ambição a

não ser a de glorificá-lo, nenhum outro trabalho a não ser por Ele. Então a oração tornar-se-á uma fonte de suas inspirações, os meios de progresso perpétuo e manómetro do seu sucesso. O objetivo perpétuo, a única ambição que o pregador pode nutrir, é o de ter Deus consigo.

Nunca a causa de Deus necessitou de ilustrações perfeitas das possibilidades da oração mais do que no dia de hoje. Nenhuma era, nenhuma pessoa será exemplo do poder do Evangelho a não ser as eras ou pessoas de profunda e ardente oração. Uma era sem oração terá apenas exemplos insignificantes do poder de Deus.

Os corações sem oração nunca se elevarão a essas alturas alpinas. A nossa era pode ser uma era melhor do que a do passado, mas há uma distância infinita entre o melhoramento de uma era pela força de uma civilização progressiva e seu melhoramento pelo desenvolvimento da santidade e da semelhança com Cristo pela energia da oração.

Os judeus eram muito melhores quando Cristo veio, do que nas eras anteriores. Era a idade de ouro de sua religião farisaica. Sua idade áurea de religiosidade crucificou Cristo. Nunca houve tantas orações e nunca tão pouca oração verdadeira; nunca tanto sacrifício e tão pouco sacrifício real; nunca tão pouco culto de coração (Deus era adorado pelos lábios cujo coração e mãos crucificaram o Filho de Deus!); nunca tantos frequentadores de Igrejas, mas nunca tão poucos santos.

É a força da oração que faz santos. Os caracteres santos são formados pelo poder da oração verdadeira. Quanto mais santos verdadeiros houver, mais orações haverá; quanto mais orações, mais verdadeiros santos.

Deus tem agora e teve no passado muitos desses pregadores devotados e cheios de oração — homens em cujas vidas a oração tem sido uma força poderosa, controladora e conspícua. O mundo sentiu o seu poder, Deus sentiu e honrou seu poder, a causa divina avançou poderosa e suavemente pelas suas orações, e a santidade brilhou nos seus caracteres com um brilho divino.

Deus encontrou um dos homens que estava procurando em Davi Brainerd, cuja obra e nome ficaram na história. Ele não era um homem comum, mas era capaz de brilhar em qualquer companhia, era camarada dos sábios e dos que têm dons, eminentemente capacitado para ocupar os púlpitos mais atraentes e trabalhar entre os mais refinados e cultos que estavam tão ansiosos para conservá-lo como seu pastor.

O Presidente Edwards testifica que era “um jovem de talentos notáveis, que tinha conhecimento extraordinário de homens e coisas, tinha habilidades raras de eloquência, tinha muito conhecimento de teologia e era, verdadeiramente, para uma pessoa tão jovem,

extraordinariamente santo e profundo conhecedor de todos os assuntos relacionados com a religião experimental. Nunca conheci um da mesma idade que ele que tivesse noções tão claras e apuradas da natureza e essência da verdadeira religião. Seu modo de orar era quase impossível de se imitar, e raramente cheguei a conhecer uma pessoa que o igualasse. Seu conhecimento era considerável e tinha dons extraordinários para o púlpito”.

Nenhuma história mais sublime tem sido registrada nos anais do que a de Davi Brainerd; nenhum milagre testifica com força mais divina a verdade do cristianismo do que a vida e a obra de Davi Brainerd. Sozinho nas matas virgens da América, lutando dia e noite com a doença mortal, inexperiente na cura de almas e tendo acesso aos indígenas durante uma grande porção de tempo só através do inábil instrumento de um intérprete pagão, com a Palavra de Deus no seu coração e na sua mão, sua alma inflamada com a chama Divina, tendo um lugar e tempo determinados para derramar sua alma diante de Deus em oração, estabeleceu plenamente o culto de Deus e assegurou todos os resultados gratiosos.

Os indígenas experimentavam uma grande transformação, passando do mais baixo embrutecimento de um paganismo cheio de ignorância e degradante para cristãos puros, devotados e inteligentes; todo o vício abandonado e os deveres externos do cristianismo, uma vez abraçados, eram praticados; a oração familiar foi estabelecida; o dia do Senhor instituído e religiosamente observado; as graças internas da religião eram reveladas com mansidão e força crescentes.

O segredo destes resultados é encontrado no próprio Davi Brainerd, não nas condições ou acidentes, mas no homem Brainerd. Ele era um homem de Deus, pois para ele Deus era o começo, o fim em todo o tempo. Deus podia manifestar-Se através dele sem impedimentos. A onipotência da graça não era limitada nem diminuída pelas condições do seu coração; o canal inteiro era alargado e purificado pela passagem mais plena e mais poderosa de Deus, de tal modo que Deus podia descer com todas as Suas forças poderosas sobre o deserto desesperador e selvagem e transformá-lo num jardim cheio de flores e frutos; pois nada é difícil demais para Deus, quando Ele consegue um homem próprio para realizá-lo por meio dele.

Brainerd viveu uma vida de santidade e oração, seu diário está cheio de registro de horas de oração, meditação e recolhimento espiritual. O tempo que gastou em oração particular somava muitas horas diariamente. “Quando eu volto para casa”, disse ele, “e me entrego à meditação oração e ao jejum, a minha alma anseia por mortificação, abnegação própria, humildade e separação de todas as coisas do mundo”. “E eu nada tenho que fazer”, disse ele, “com a terra,

mas só nela trabalhar honestamente para Deus. Não desejo viver um minuto sequer para as coisas que o mundo oferece”.

Ele orou de acordo com este alto princípio: “sentindo algo da suavidade da comunhão com Deus e a força constrangedora do Seu amor e como admiravelmente isso cativa a alma e faz com que todos os desejos e afeições centralizem em Deus, separei este dia para o jejum em segredo e oração a Deus para que Ele me dirija e me abençoe em vista do grande trabalho que eu tenho em mira, isto é, o de pregar o Evangelho, e para que o Senhor voltasse a mim e me mostrasse a luz do Seu rosto. Tive pouca vida e poder durante a manhã. Perto da metade da tarde, Deus capacitou-me a lutar ardentemente, intercedendo por meus amigos ausentes, mas só à noite o Senhor visitou-me maravilhosamente na oração. Penso que a minha alma nunca esteve antes em tal agonia. Eu não senti nenhum impedimento, pois os tesouros da graça divina estavam abertos para mim. Pelejei pelos amigos ausentes, pela colheita de almas, pelas multidões de pobres almas e por muitos que, eu penso, eram filhos de Deus e estavam em lugares distantes. Estava em tal agonia, desde o meio-dia até o escurecer, que eu fiquei todo molhado de suor, mas, mesmo assim, parecia-me que nada havia feito. Oh! Meu querido Salvador derramou suores de sangue pelas pobres almas! Eu ansiei por mais compaixão para com elas. Eu me sentia inundado de uma doce paz, com o amor e a graça Divina e fui dormir com este sentimento, com meu coração colocado em Deus”.

Foi esta oração que deu à sua vida e a seu ministério seu poder maravilhoso.

Os homens poderosos em oração são homens de poder espiritual. As orações nunca morrem. Toda a vida de Brainerd foi uma vida de oração. Dia e noite ele orava. Antes de pregar e depois de pregar, ele orava. Orava cavalgando através das solidões intermináveis da floresta. Orava no seu leito de palha. Orava retirando-se às florestas densas e solitárias. Hora após hora, dia após dia, cedo de manhã e tarde da noite, ele estava orando e jejuando, derramando sua alma, intercedendo e comungando com Deus. Estava com Deus poderosamente na oração e Deus estava poderosamente com ele e, mesmo que esteja morto, ainda fala e trabalha e falará e operará até o fim chegar, e entre os gloriosos daquele glorioso dia ele estará com os primeiros.

Jonathan Edwards diz dele: “Sua vida mostra o caminho certo para o sucesso nas obras do ministério. Ele o procurava como o soldado procura a vitória no cerco de uma cidade ou na batalha; ou como um homem que corre a sua carreira para um grande prêmio. Animado pelo amor a Cristo e às almas, como ele trabalhava! Sempre fervorosamente. Não só em palavras e doutrina, em público e em particular, mas em

orações de dia e de noite, pelejando com Deus em segredo, e tendo dores de parto com gemidos e agonias indizíveis, até que Cristo fosse formado nos corações do povo a quem ele era enviado. Como um verdadeiro filho de Jacó, ele perseverou na peleja através de toda a escuridão da noite, até o alvor do dia!”.

.oOo.

CAPÍTULO 9

VITÓRIA DO LUGAR SILENCIOSO

Porque nada alcança o coração a não ser o que vem do coração, ou nada desperta a consciência a não ser o que vem de uma consciência viva.

William Penn

Pela manhã, eu ficava ocupado em preparar a mente ao invés do coração. Este tem sido frequentemente o meu erro e eu sentia sempre o seu mal, especialmente na oração. Reforma-o, pois, ó Senhor! Alarga o meu coração e eu pregarei.

Robert Murray McCheyne

Um sermão que contém mais cérebro nele infundido que coração, não terá eficácia nos ouvintes.

Richard Cecil

A oração com suas forças múltiplas auxilia os lábios para proferirem a verdade em sua plenitude e liberdade. Deve-se fazer muita oração pelo pregador, o pregador é formado pela oração. Deve-se orar pelos lábios do pregador; seus lábios devem ser abertos e enchidos pela oração. Os lábios santos são formados pela oração, por muita oração; os lábios destemidos devem ser feitos pela oração, por muita oração. A Igreja e o mundo, Deus e os céus devem muito aos lábios de Paulo; os lábios de Paulo deviam seu poder à oração.

Como é variada, ilimitada, valiosa e útil a oração para o pregador, por muitas razões, em muitas coisas e em todas as ocasiões! Um dos

grandes valores é que auxilia o seu coração. A oração faz do pregador um pregador de coração. A oração põe o coração do pregador no seu sermão; a oração coloca o sermão do pregador no seu coração.

O coração faz o pregador. Homens de grandes corações são grandes pregadores. Homens de maus corações podem fazer algum bem, mas isto é raro. O mercenário e o estranho podem ajudar o rebanho em algumas ocasiões, mas é o bom pastor com bom coração de pastor quem abençoará as ovelhas e corresponderá em toda a medida à posição de pastor.

Nós damos tanta ênfase à preparação do sermão que temos perdido a visão da coisa mais importante a ser preparada — o coração. Um coração preparado é muito melhor do que um sermão preparado. Um coração preparado fará um sermão preparado.

Volumes e volumes foram escritos estabelecendo a técnica e o gosto de fazer sermão, de tal modo que estamos possuídos da ideia de que os andaimes são o prédio. O jovem pregador aprendeu a empregar todo o seu esforço na forma, no gosto e na beleza do seu sermão como um produto mecânico e intelectual. Temos, por isso, cultivado um gosto viciado no povo e despertado o clamor por talento em lugar da graça, eloquência em vez de piedade, retórica em lugar de revelação, reputação e brilhantismo ao invés de santidade. Por causa disto, temos perdido a verdadeira ideia da pregação, o poder da pregação, a convicção pungente do pecado, a rica experiência e o elevado caráter cristão, autoridade sobre as consciências e vidas, que sempre resulta da pregação genuína.

Isto não quer dizer que os pregadores estudam demais. Alguns deles nada estudam; outros não estudam o suficiente. Inúmeros pregadores não estudam de um modo correto para se mostrarem trabalhadores, aprovados de Deus.

Mas a nossa grande falta não é de cultura mental, mas de cultura do coração; não a falta de conhecimento, mas a falta de santidade é o nosso triste e saliente defeito — não que não conheçamos muito, mas é que não meditamos sobre Deus e sobre Sua Palavra, não vigiamos, jejuamos e oramos suficientemente.

O coração é o grande impedimento para a nossa pregação. As palavras impregnadas da verdade divina não encontram em nossos corações bons condutores; detidas, tornam-se impotentes. Pode um homem ambicioso, que busca louvor e posição destacada, pregar o Evangelho dAquele que não buscou para Si mesmo reputação, mas tomou a forma de um servo? Pode o orgulho, a vaidade, o egoísmo, pregar o Evangelho dAquele que era modesto e humilde? Pode o mal-humorado, colérico, egoísta, duro e mundano pregar as doutrinas que estão cheias de longanimidade, autoabnegação, ternura, que impera-

tivamente exigem separação da inimizade e crucificação para o mundo? Pode o mercenário oficial, sem coração e negligente, pregar o Evangelho que exige que o Pastor dê Sua vida pelo rebanho? Pode o homem ambicioso, que pensa em termos de salário e dinheiro, pregar o Evangelho até que esgote o seu coração e possa dizer no Espírito de Cristo e Paulo com as palavras de Wesley: “E eu o considero como estérco e escória; eu o calco sob os meus pés; e eu (ainda que não seja eu, mas a graça de Deus em mim) o estimo apenas como a lama de estrada, não o desejo, não o busco”?.

A revelação de Deus não necessita da luz do gênio humano, da polidez e da força da cultura humana, do brilhantismo do pensamento humano, do poder do cérebro humano para adorná-la ou reforçá-la; mas exige a simplicidade, docilidade, humildade e a fé que se aninha no coração de uma criança.

Foi esta submissão e subordinação do intelecto e do gênio às forças divinas e espirituais que fez Paulo inigualável entre os apóstolos. Foram estas coisas que deram a Wesley o seu poder.

A nossa grande necessidade é a preparação de um coração. Lutero tomou-o como um axioma: “Quem orou bem, estudou bem”. Não dizemos que os homens não devem pensar e usar a sua inteligência; mas usará melhor a sua inteligência quem cultivar mais o seu coração.

Não estamos dizendo que os pregadores não devem ser estudiosos; mas queremos dizer que seu grande estudo deveria ser a Bíblia e estudará melhor a Bíblia quem guarda o seu coração com diligência. Não dizemos que o pregador não deveria conhecer os homens, mas será maior adepto da natureza humana quem sondou as profundezas e os segredos do seu coração.

Queremos dizer que o canal da pregação é a mente, ao passo que sua fonte é o coração; podeis alargar e aprofundar o canal, mas, se não cuidais da pureza e profundidade da fonte, tereis um canal seco ou contaminado. Quase todos os homens de inteligência comum têm capacidade suficiente para pregar o Evangelho, mas são muito poucos os que têm graça suficiente para isso. Queremos dizer que, quem lutou com seu próprio coração e o conquistou, quem aprendeu a humildade, fé, o amor, a verdade, misericórdia, simpatia, coragem; quem pode derramar ricos tesouros do coração assim treinado através do intelecto humano, sobrecarregado com o poder do Evangelho, na consciência dos ouvintes — tal pessoa será o pregador verdadeiro e mais bem sucedido, segundo a estimação do Seu Senhor.

O coração é o salvador do mundo. As cabeças não salvam. Gênio, cérebro, brilhantismo, força, dons naturais não salvam. O Evangelho derrama-se através dos corações. Tôdas as forças mais poderosas são as do coração. Todas as graças mais doces e mais suaves são as do

coração. Grandes corações fazem grandes caracteres; grandes corações fazem caracteres divinos.

Deus é amor. Nada há maior que o amor, nada maior que Deus. Os corações fazem o céu; o céu é amor. Nada há mais sublime, mais doce do que o céu. É o coração e não a cabeça que torna grandes os pregadores de Deus. O coração vale muito em todo sentido na religião. O coração deve falar do púlpito. O coração deve ouvir nos assentos. De fato, servimos a Deus com os nossos corações. A homenagem intelectual não é admitida no céu.

Creemos que um dos erros mais sérios mais comum do púlpito de hoje é o de colocar mais pensamento do que oração, mais cérebro do que o coração nos seus sermões. Grandes corações fazem grandes pregadores, bons corações fazem bons pregadores.

Uma escola teológica para engrandecer e cultivar o coração é o objetivo áureo do Evangelho. O pastor atrai seu povo a ele e governa seu povo pelo seu coração. Eles podem admirar seus dons, podem estar orgulhosos de sua capacidade, podem ser influenciados por algum momento pelos seus sermões; mas a fortaleza do seu poder é o seu coração. Seu cetro é o amor. O trono do seu poder é o seu coração.

O Bom Pastor dá Sua vida pelas ovelhas. Os cérebros nunca fazem mártires. É o coração que sujeita a vida ao amor e à fidelidade. É necessário grande coragem para ser um pastor fiel, mas o coração, ele só, pode suprir esta coragem. Dons e gênios podem ser bravos, mas são os dons e gênios do coração e não os da cabeça.

É mais fácil encher o cérebro do que preparar o coração. É mais fácil fazer um sermão intelectual do que um sermão de coração. Foi o coração que trouxe o Filho de Deus dos céus. É o coração que levará os homens aos céus. O mundo necessita de homens de coração para simpatizar com suas aflições, para sarar as dores, para ter compaixão de suas misérias e para aliviar seu sofrimento. Cristo foi eminentemente Varão de Dores, porque Ele foi preeminentemente o homem do coração.

“Dá-Me teu coração”, é o pedido de Deus aos homens. *“Dá-me o teu coração”*, é o que o homem pede a outros.

Um ministério profissional é um ministério sem coração. Quando o salário representa um grande papel no ministério, o coração, um papel mesquinho. Podemos fazer da pregação a nossa tarefa e não colocar os nossos corações nessa tarefa. Quem põe a si mesmo diante da sua pregação, põe o coração no último lugar. Quem não planta com seu coração no seu gabinete, nunca ceifará uma seara para Deus. O recinto secreto é o gabinete do coração. Aprenderemos mais sobre a maneira de pregar e o que pregar ali do que podemos aprender em nossas bibliotecas. *“Jesus chorou”* é o mais curto e o maior versículo da Bíblia. É aquele que sai chorando (não pregando grandes sermões), levando

preciosas sementes, quem voltará com regozijo, trazendo seus feixes com ele.

A oração dá inteligência, traz sabedoria, alarga e fortalece a mente. O recinto secreto é um perfeito professor e escola para o pregador. O pensamento não só é iluminado e aclarado na oração, mas o pensamento nasce da oração. Podemos aprender mais em uma hora de oração, quando oramos realmente, do que em muitas horas no gabinete. Os livros devem estar no recinto secreto e ser lidos lá. As revelações são feitas no recinto secreto e jamais em outro lugar.

.oOo.

CAPÍTULO 10

SOB O ORVALHO DO CÉU

Uma brilhante bênção que a oração particular traz ao ministério, é algo indecritível e inexprimível — uma unção do Espírito Santo... Se a unção que trazemos não viesse do Senhor dos Exércitos, seríamos enganadores, desde que só na oração podemos obtê-la. Continuemos persistentes, constantes e fervorosos nas súplicas. Coloquemos o novelo de lã na eira da súplica até que fique molhado com o orvalho do céu.

Spurgeon

Alexander Kno, o filósofo cristão dos dias de Wesley, não um adepto, mas um grande amigo pessoal de Wesley, com muita simpatia espiritual para com o movimento wesleiano, escreve: “É estranho e lamentável, mas verdadeiramente creio que, a não ser entre os metodistas e os clérigos metodistas, não há muita pregação interessante na Inglaterra. O clero em geral perdeu totalmente essa arte. Há, penso eu, nas grandes leis do mundo moral uma espécie de entendimento secreto, como as afinidades químicas, entre a verdade religiosa corretamente promulgada e os sentimentos mais profundos do espírito humano. Onde um se manifesta devidamente, o outro responderá: “Não

ardia em nós o coração?” — mas este sentimento devoto é indispensável no orador. Ora, sou obrigado a estabelecer da minha própria observação que esta “onction”, como o francês bem o denomina, está, fora de toda comparação, mais na convenção metodista do que na igreja do Estado na Inglaterra. Isto, e só isto, parece realmente ser o que enche as casas metodistas e rarefaz as igrejas do Estado. Eu não sou, como verdadeiramente penso, um entusiasta; sou anglicano muito sincero e de coração e um discípulo humilde da escola de Hale e Boyle, de Burnet e Leighton. Agora, devo asseverar que, quando eu estive nesta cidade há dois anos atrás, não ouvi nenhum pregador que me falasse como os meus próprios e grandes mestres a não ser os que são considerados metodistas. Agora estou desenganado de procurar um átomo de instrução de coração em outro qualquer lugar. Os pregadores metodistas (embora eu não possa aprovar sempre todas as suas afirmações) difundem com maior convicção esta religião verdadeira e pura. Eu senti um verdadeiro prazer no último domingo. Posso dar testemunho de que o pregador falou realmente palavras da verdade e sobriedade. Não havia eloquência — o homem honesto nunca sonhou com tal coisa — mas havia coisa muito melhor: uma comunicação cordial de verdade vitalizada. E eu digo vitalizada porque aquilo que ele declarou aos outros, era impossível não sentir que ele próprio o vivia”.

Essa unção é a arte de pregar. O pregador que nunca teve esta unção nunca teve a arte de pregar. O pregador que perdeu essa unção, perdeu a arte de pregar. Pode ter qualquer outra arte — arte de fazer sermão, a arte da eloquência» a arte de grandes e claros pensamentos, a arte de agradar ao auditório — ele perdeu a arte divina de pregar.

Essa unção torna a verdade de Deus poderosa e interessante, cativa e atrai, edifica, convence e salva. Essa unção vitaliza a verdade revelada de Deus, torna-a viva e vivificante. Ainda que seja a verdade de Deus quando transmitida sem esta unção é superficial, morta e mortífera. Embora abunde em verdade, embora carregado de pensamentos, embora brilhe com retórica, embora engrandecida pela lógica, embora poderosa pelo zelo, sem essa divina unção ela traz a morte e não a vida.

Spurgeon diz: “E penso quanto não seria necessário martelar a nossa cabeça antes de poder explicar plenamente o que significa pregar com unção. Embora aquele que prega conheça a sua presença, quem ouve sente a sua ausência. Samaria, em estado de fome, tipifica um discurso sem unção. Jerusalém, com sua festa de fartura, cheia de tutano, pode representar um sermão enriquecido com ela. Qualquer um sabe o que a brisa da manhã é quando as pérolas orientais abundam em cada folha de grama, mas quem pode descrevê-la e muito menos produzi-la? Tal é o mistério da unção espiritual. Sabemos o que ela é,

mas não podemos defini-la. Imitá-la pode parecer fácil, mas representa uma grande tolice. Unção espiritual é uma coisa que não se pode fazer e imitá-la é uma indignidade. No entanto ela é, em si mesma, inestimável e é necessária acima de qualquer medida, se desejamos edificar os crentes e conduzir pecadores a Cristo”.

A unção é algo indefinível e indescritível que um velho pregador escocês de renome descreve assim: “Há, algumas vezes, algo na pregação que não pode ser descrito nem com pena nem com palavras, o que é ou donde vem, mas que com uma violência suave penetra no coração e nos sentimentos e vem imediatamente do Senhor; mas se há algum meio para obter tal coisa é pela disposição celestial do orador”.

Nós o chamamos unção. Essa unção que torna a Palavra de Deus *“viva e eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes e penetra até a divisão da alma e do espírito e das juntas e medulas e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração”*. É essa unção que dá às palavras do pregador penetração, agudeza e poder, e que cria tal impacto e agitação em muitas congregações mortas.

As mesmas verdades têm sido anunciadas com tal rigor da letra, tão macias quanto o óleo humano pode torná-las; mas não têm sinal de vida nem de pulsação; todas são tão pacíficas como os túmulos e os mortos. Quando o mesmo pregador recebe um batismo desta unção está nele o sopro divino e a letra da Palavra foi embelezada e inflamada por este poder misterioso e as palpitações da vida começam — vida que recebe ou vida que resiste.

A unção penetra e convence a consciência e quebranta o coração. Esta unção divina é a característica que separa e distingue a verdadeira pregação do Evangelho de todos os outros métodos de apresentar a verdade e que produz um grande abismo espiritual entre o pregador que a tem e o pregador que não a tem. Sustenta e impregna a verdade revelada com toda a energia de Deus. Unção é simplesmente colocar Deus em Sua própria Palavra e sobre Seu próprio pregador.

Pela oração poderosa e grande e pela oração contínua, ela se torna toda potente e pessoal para o pregador; inspira e esclarece o seu intelecto, dá penetração, poder e influência; dá ao pregador o poder do coração que é maior do que o poder da mente; ternura, pureza e força fluem do seu coração por meio dela. Esta unção produz grandeza e liberdade, plenitude de pensamento, retidão e simplicidade de expressão.

Muitas vezes, o ardor é equivocadamente tomado por esta unção. Aquele que tem a divina unção será ardoroso pela própria natureza espiritual das coisas, mas pode haver uma ampla gradação de ardor sem a mínima mistura de unção.

Ardor e unção parecem semelhantes sob alguns pontos de vista. O ardor pode ser, facilmente, tomado por unção. Requer-se um olho espiritual e um discernimento espiritual para discriminá-los.

O ardor pode ser sincero, sério, ardente e perseverante. Dispõe-se a fazer as coisas com boa vontade, persegue-as com perseverança, insiste nelas com ardor; põe as forças nelas. Mas todas essas forças nada mais são do que forças humanas.

O “homem” está nele — o homem inteiro com tudo aquilo que é de sua vontade e seu coração, do cérebro, do gênio, do seu plano, trabalho e de sua palestra. Ele tomou para si algum propósito que o dominou e ele persiste para dominá-lo. Pode não haver nada de Deus nele. Pode haver pouco de Deus nele, porque nele há muito do homem. Pode apresentar todos os argumentos na defesa do seu sincero propósito que agrada ou toca e move ou abate com convicção de sua importância; em todo este ardor pode mover-se ao longo dos caminhos terrenos, sendo propulsionado só pelas forças humanas, seu altar feito pelas mãos terrenas e seu fogo brilhar com chamas terrenas.

Diz-se de um quase famoso pregador, dotado de talento, que construía a Escritura segundo o seu gosto e propósito, que “chegou a ser muito eloquente com sua própria exegese”. Os homens assim tornam-se excessivamente ardorosos com seus próprios planos ou movimentos. O ardor pode ser o egoísmo simulado.

Que é unção? É o indefinível na pregação, que faz pregação. É aquilo que distingue e separa a pregação de todos os discursos meramente humanos. É o divino na pregação. Ela torna penetrante a pregação para aqueles que necessitam de iluminação. Ela distila como orvalho sobre aqueles que necessitam ser refrigerados. Está bem descrita como:

“Uma espada de dois gumes,
De celeste e penetrante liga,
E duplas são as feridas
Que ela faz
Quando penetra.
Foi morte para o pecado;
Foi vida para todos
Os que se entristeceram do pecado.
Incendiou e silenciou a luta,
No coração produziu guerra e paz”.

Esta unção vem ao pregador não no gabinete, mas no recinto secreto. É a destilação do céu em resposta à oração. É a mais doce exalação do Espírito Santo. Ela impregna, infunde, suaviza, filtra, apara

e abranda. Leva a Palavra como dinamite, como sal, como açúcar; torna a Palavra um suavizador, um revelador e um inquisidor; torna o ouvinte um réu ou um santo, o faz chorar como criança e viver como gigante; abre seu coração e sua bolsa tão gentilmente, no entanto tão fortemente como a primavera abre as folhas.

Esta unção não é o dom do gênio. Não é encontrada nas escolas. Nenhuma eloquência pode pretendê-la. Nenhuma indústria pode ganhá-la. As mãos preláticas não podem conferi-la. É o dom de Deus — é o sinete conferido aos Seus próprios mensageiros. É a dignidade de cavaleiro celestial concedida aos verdadeiros escolhidos e bravos que procuram esta honrosa unção através de muitas horas de oração com lágrimas e luta.

O ardor é bom e impressionante; o gênio é um grande dom. O pensamento brilha e inspira, mas necessita de investidura mais divina, uma energia mais poderosa do que o ardor, gênio ou pensamento para quebrar as cadeias do pecado, para ganhar corações extraviados e depravados para Deus, para reparar as brechas e restaurar a Igreja ao seu antigo caminho de pureza e poder. Nada a não ser esta santa unção pode fazer isto.

No sistema cristão, a unção é o derramamento do Espírito Santo, separando-nos e qualificando-nos para o trabalho de Deus. Esta unção é uma divina capacitação pela qual o pregador cumpre os fins peculiares e salvadores da pregação. Sem esta unção não há resultados verdadeiramente espirituais; os resultados e as forças na pregação não sobrepõem os resultados de um discurso não santificado. Sem a unção, o discurso é tão poderoso quanto o púlpito.

Esta unção divina sobre o pregador gera, através da Palavra de Deus, os resultados espirituais que emanam do Evangelho; sem esta unção, estes resultados não são assegurados. Muitas impressões agradáveis podem ser produzidas, mas todas elas ficam aquém dos fins da pregação do Evangelho. Esta unção pode ser simulada. Há muitas coisas que se lhe assemelham, há muitos resultados que parecem com os seus efeitos; mas elas são estranhas aos seus resultados e à sua natureza.

O fervor ou a ternura excitados por um sermão patético ou emocional podem assemelhar-se com os movimentos da unção divina, mas não têm força pungente, penetrante e que quebranta o coração. Não há em seus movimentos superficiais, atraentes e emocionais, o bálsamo que cura o coração; não são radicais, nem sondam o coração, nem desarraigam o pecado.

Esta unção divina é um aspecto característico que separa a verdadeira pregação do Evangelho de todos os outros métodos de

apresentação da Verdade. Ela sustenta e penetra a verdade revelada com toda a força de Deus.

Ilumina a Palavra, alarga e enriquece o intelecto, capacita-o a apreender a Palavra. Qualifica o coração do pregador e o traz para aquela condição de mansidão, de pureza, de força e luz que são necessárias para assegurar os mais altos resultados. Esta unção dá ao pregador liberdade e grandeza de pensamento e de alma — uma liberdade, plenitude e penetração direta da palavra que não podem ser asseguradas por nenhum outro processo.

Sem esta unção sobre o pregador, o Evangelho não tem mais poder para propagar-se do que qualquer outro sistema de verdade. Este é o selo do seu caráter divino. A unção no pregador coloca Deus no Evangelho. Sem a unção, Deus está ausente e o Evangelho é abandonado às forças inferiores e insatisfatórias que a ingenuidade, o interesse ou os talentos dos homens podem criar para dar força e projeção às suas doutrinas.

É neste aspecto que o púlpito falha, as mais das vezes, do que em outro qualquer aspecto. Justamente neste ponto mais importante é que ele falha. O estudo pode ter brilho e eloquência, pode agradar e encantar; a sensação ou os métodos menos ofensivos podem atrair os homens em massa; o poder mental pode impressionar e dar força à verdade com todos os seus recursos; mas, sem esta unção, cada uma destas coisas e todas elas serão somente como assalto das águas embravecidas sobre um Gibraltar. Borrifo e espuma podem cobrir, mas as rochas ainda estão lá sem ser movidas e inamovíveis. O coração humano não pode ser varrido da sua dureza e pecado por estas forças humanas, como essas rochas não podem ser varridas pelas ondas incessantes do oceano.

Esta unção é a força de consagração e sua presença, a prova contínua dessa consagração. É esta divina unção no pregador que assegura sua consagração a Deus e à Sua obra. Outras forças e motivos podem chamá-lo para a obra, mas só esta é a consagração!

Uma separação para o trabalho de Deus pelo poder do Espírito Santo é a única consagração reconhecida por Deus como legítima. A unção, a divina unção, este derramamento celestial é o que o púlpito necessita e deve ter. Este óleo divino e celestial, colocado sobre ele pela imposição da mão divina, deve suavizar e lubrificar o homem todo — coração, mente, espírito — até que ela o separe, com uma separação poderosa, de todos os motivos e objetivos terrenos, seculares, mundanos e egoístas, separando-o para tudo o que é puro e divino.

É a presença desta unção no pregador que causa excitação e agitação em muitas congregações. As mesmas verdades têm sido anunciadas na rigidez da letra, mas nenhuma comoção foi vista,

nenhuma dor ou pulsação sentidas. Tudo é tranquilo como um túmulo. Um outro pregador vem e esta influência misteriosa está sobre ele; a letra da Palavra tem sido inflamada pelo Espírito, sentem-se as agonias de um movimento poderoso, é a unção que penetra e comove a consciência e quebranta o coração. A pregação sem unção torna difícil todas as coisas, torna-as secas, acres e mortas.

Esta unção é um dom alienável. É um dom condicional apenas; é um fato presente, realizado e cômico. Pertence à experiência do homem assim como à pregação. É ela que o transforma na imagem do seu Divino Mestre, assim como pela qual ele declara as verdades de Cristo com poder. É de tanto poder no seu ministério que tudo o mais parece fraco e vão sem ela, e sua presença compensa a ausência de todas as outras forças mais fracas.

Esta unção é um dom alienável. É um dom condicional e sua presença é perpetuada e intensificada pelo mesmo processo pelo qual foi no começo conseguida, pela oração incessante a Deus, pelo ardente anseio para com Deus, estimulando-a, buscando-a com ardor incansável, considerando tudo o mais perdido e falho sem ela.

Como e quando virá esta unção? Diretamente de Deus em resposta à oração. Os corações que oram, só eles, são os corações cheios de óleo santo; só os lábios de oração estão ungidos com esta divina unção.

Oração, muita oração, é o preço da unção de pregar; a oração, muita oração, é a única condição para conservar esta unção. Sem a oração incessante, a unção nunca virá ao pregador. Sem perseverança na oração, a unção, como o maná colhido mais do que o necessário, cria bichos.

.oOo.

CAPÍTULO 11

O EXEMPLO DOS APÓSTOLOS

Dê-me uma centena de pregadores que nada temam a não ser o pecado, nada desejam a não ser Deus, e não me importa se são clérigos ou leigos; somente tais pessoas

abalarão os portões do inferno e estabelecerão o reino dos céus sobre a terra.

Deus nada faz a não ser em resposta à oração.

John Wesley

Os apóstolos conheciam a necessidade e o valor da oração para o seu ministério. Reconheceram que a sua nobre missão como apóstolos, em lugar de aliviá-los da necessidade da oração, impelia-os a ela como uma necessidade mais urgente; assim eles foram excessivamente zelosos para que alguma outra tarefa importante não viesse esgotar seu tempo e impedisse a sua oração como deviam fazer; assim, escolheram outros irmãos para cuidar dos deveres delicados e crescentes de ministrar aos pobres, a fim de que eles (os apóstolos) pudessem, sem empecilho, *“perseverar na oração e no ministério da palavra”*. Colocaram a oração em primeiro lugar e deram ênfase à sua posição com respeito à oração, *“entregaram-se a ela”*, tornando-a uma tarefa, sujeitando-se a ela, dando-lhe fervor, urgência, perseverança e tempo.

Como os santos apóstolos se devotaram a este divino trabalho da oração! *“Orando abundantemente dia e noite”*, diz Paulo. *“Mas nós perseveraremos na oração”* foi a resolução dos dedicados apóstolos. Como estes pregadores do Novo Testamento se entregaram à oração pelo povo de Deus! Como colocaram Deus em toda a sua força nas suas Igrejas por sua oração! Estes santos apóstolos não tinham a presunção de que haviam alcançado seus altos e solenes deveres pela entrega fiel da Palavra de Deus, mas sua pregação era produzida e pronunciada como resultado do ardor e da insistência de suas orações. A oração apostólica era tão determinante, árdua e imperativa como a pregação. Oravam poderosamente, de dia e de noite, para trazer seu povo aos lugares mais altos da fé e santidade. Oravam mais poderosamente para conservá-lo nesta altitude espiritual. O pregador que nunca aprendeu, na escola de Cristo, a nobre e divina arte da intercessão pelo seu povo, nunca aprenderá a arte da pregação, mesmo que conheça muito bem as regras da homilética e seja o mais dotado gênio na confecção do sermão e na transmissão.

As orações dos santos líderes apostólicos fizeram muito para tornar santos aqueles que não eram apóstolos. Se os líderes da Igreja, nos anos anteriores, tivessem sido particularmente fervorosos em orar pelo seu povo, como os apóstolos foram, os tempos tristes e tenebrosos do mundanismo e apostasia não teriam manchado a história, ofuscado a glória e detido o avanço da Igreja. A oração apostólica faz santos apostólicos e conserva os tempos apostólicos de pureza e poder na Igreja.

Que nobreza de alma, que pureza e elevação de motivos, que desinteresse, que sacrifício próprio, que dedicação exaustiva, que ardor de espírito, que tacto divino constituíam os requisitos para ser intercessor dos homens!

O pregador deve entregar-se à oração pelo seu povo; não para que eles sejam salvos simplesmente, mas para que sejam poderosamente salvos. Os apóstolos entregaram-se à oração para que os seus santos pudessem ser perfeitos; não para que tivessem uma pequena experiência das coisas de Deus, mas para que eles fossem *“cheios de toda a plenitude de Deus”*. Paulo não se fiou na sua pregação apostólica para assegurar este fim, mas *“por causa disto se pôs de joelhos perante o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo”*. A oração de Paulo levou os convertidos pela sua instrumentalidade muito mais longe no caminho da santidade do que a sua pregação. Epafras fez muito mais pela oração em favor dos santos de Colossos do que pela sua pregação. Esforçou-se fervorosamente sempre na oração por eles, para que *“eles se conservassem firmes, perfeitos e consumados em toda a vontade de Deus”*.

Os pregadores são preeminentemente os líderes de Deus. São os principais responsáveis pela condição da Igreja. Eles moldam seu caráter, dão matiz e direção à sua vida.

Muitos, de qualquer modo, dependem de seus líderes. Eles formam os tempos e as instituições. A Igreja é divina, o tesouro que ela encerra é celestial, mas ela traz a estampa humana. O tesouro está num vaso de barro e ela toma o gosto do vaso. A Igreja de Deus faz seus líderes ou é feita por eles. Seja ela quem faz os líderes, seja ela feita por eles, será o que seus líderes são; espiritual, se eles o forem; mundana, se eles o são. Os reis de Israel deram caráter à piedade israelita. Uma Igreja raramente se revolta ou se põe acima da religião dos seus líderes. Líderes fortemente espirituais, homens de santo poder, à frente, são símbolos do favor de Deus; desastre e fraqueza seguem ao aparecimento dos líderes fracos ou mundanos.

Israel decaiu quando Deus lhe deu crianças para serem seus príncipes e bebês para os governarem. Nenhum estado de felicidade é predito pelos profetas quando as crianças oprimem o Israel de Deus e mulheres o governam. Os tempos de liderança espiritual são tempos de grande prosperidade para a Igreja.

A oração é uma das características eminentes de uma forte liderança espiritual. Homens de oração poderosa são homens de grande poder e moldam as coisas. Seu poder com Deus tem o caminho da conquista.

Como pode um homem pregar se não recebeu de Deus sua mensagem no recolhimento espiritual? Como pode pregar sem ter sua fé

avivada, sua visão esclarecida e seu coração aquecido pela sua estreita união com Deus? Ai, se os lábios não estiverem tocados pela chama dessa comunhão! Eles serão sempre secos e sem unção, as verdades divinas nunca virão com poder de tais lábios. Até onde se implicam os interesses reais da religião, um púlpito sem o recinto secreto será sempre um deserto.

Um pregador pode pregar de um modo oficial, atraente e estudado sem oração, mas, entre esta espécie de pregação e o ato de semear as sementes preciosas de Deus com mãos santas e corações cheios de oração e de lágrimas, há uma distância incomensurável.

O ministério sem oração é um empresário funeral para todas as verdades divinas e para a Igreja de Deus. Ele pode ter o mais custoso caixão mortuário e as mais belas flores, mas é apenas um funeral, embora seja um cortejo encantador. Um cristão sem oração nunca aprenderá a verdade de Deus; um ministério sem oração nunca será capaz de ensinar a verdade divina. Eras de glória milenar têm sido perdidas por uma Igreja sem oração. A volta de nosso Senhor tem sido retardada indefinidamente por uma Igreja sem oração. O inferno tem-se alargado e traz repletos os seus medonhos abismos diante do trabalho morto de uma Igreja sem oração.

A melhor e a maior oferta é a oferta da oração. Se os pregadores do século presente aprenderem bem a lição da oração e usarem plenamente o poder da oração, o Milênio virá ao seu auge antes do fim deste século. *“Orar sem cessar”* é a trombeta que chama os pregadores do nosso século. Se os pregadores do presente século buscarem seus temas, seus pensamentos, suas palavras e seus sermões no recinto secreto, o próximo século encontrará um novo céu e uma nova terra. O velho céu e a velha terra embaçados e eclipsados pelo pecado passarão sob o poder de um ministério de oração.

.oOo.

CAPÍTULO 12

O QUE DEUS QUER QUE NÓS FAÇAMOS

Se alguns cristãos que se têm queixado dos seus ministros, tivessem' dito e agido menos diante dos homens e tivessem aplicado a si mesmos com todo o seu poder em clamar a Deus pelos seus ministros, teriam, por assim dizer, levantado e agitado o céu com suas orações humildes, fervorosas e incessantes em favor deles e teriam tido muito maior sucesso.

Jonathan Edwards

De algum modo, a prática de orar em particular pelo pregador tem caído no desuso ou tem sido menosprezada. De vez em quando, ouvimos a denúncia de que orar pelo ministro é fazer declaração pública da sua ineficiência, e deixá-lo em descrédito. Isto ofende o orgulho do estudo e da autossuficiência, talvez, e estas coisas devem ser ofendidas e desaprovadas num ministério que é tão desleixado a ponto de permitir a sua existência.

A oração, para o pregador, não é um simples dever de sua profissão, um privilégio, mas é uma necessidade. O ar não é mais necessário aos pulmões quanto a oração o é para o pregador. É absolutamente necessário que o pregador ore. É uma necessidade absoluta que se ore pelo pregador. Estas duas proposições estão unidas com um laço que nunca deve conhecer o divórcio: **O PREGADOR DEVE ORAR; DEVE-SE ORAR EM FAVOR DO PREGADOR.** Nelas está encerrada toda a oração que ele pode fazer e todas as orações que se pode fazer por ele para enfrentar as terríveis responsabilidades e conseguir o maior e mais verdadeiro sucesso na sua grande obra.

O verdadeiro pregador, depois do cultivo do espírito e da oração em si mesmo, na forma mais intensa, anseia com grande veemência as orações do povo de Deus. Quanto mais santo for o homem, mais estimará a oração; quanto mais claro ele vir que Deus se entrega a Si mesmo ao que ora e que a medida da revelação divina à alma é proporcional à aspiração da alma, mais importunará a Deus em oração.

O caminho da salvação não se encontra no coração que não ora. O Espírito Santo nunca habita no coração sem oração. A pregação nunca edifica uma alma sem oração. Cristo desconhece os cristãos sem oração. O Evangelho não pode ser espalhado por um pregador que não ora. Dons, talentos, educação, eloquência, vocação não podem abater a exigência da oração, mas somente intensificar a necessidade de o

pregador orar e receber orações em seu favor. Quanto mais os olhos do pregador estiverem abertos para a natureza, responsabilidades e dificuldades da sua obra, mais ele verá e, se for um verdadeiro pregador, mais sentirá a necessidade de orar; não só o desejo crescente de orar, mas chamar outros para ajudá-lo com suas orações.

São Paulo é um exemplo. Se algum homem podia espalhar ou fazer avançar o Evangelho pela eficácia da força pessoal, pelo poder do intelecto, pela cultura, pelo talento pessoal, pela comissão apostólica de Deus, pela vocação extraordinária de Deus, este homem foi Paulo.

De que o pregador deve ser um homem entregue à oração, Paulo é um exemplo eminente. De que o verdadeiro pregador apostólico deve ter as orações de outros bons irmãos para dar ao seu ministério seu contingente pleno de sucesso, Paulo é um exemplo preeminente. Ele pede, anseia, suplica de um modo apaixonado o auxílio de todos os santos de Deus.

Sabia que no mundo espiritual, como em qualquer outra parte, a união faz a força; que a concentração e a reunião da fé, desejo e oração aumentavam o volume da força espiritual até tornar-se esmagadora e irresistível em seu poder. Unidades de oração combinadas, como as gotas de água, fazem um oceano que desafia a resistência.

Assim Paulo, com a sua clara e plena apreensão do dinamismo espiritual, determinou tornar o seu ministério tão influente, eterno, irresistível como o oceano, reunindo todas as unidades dispersas de oração e precipitando-as sobre o seu ministério. Não pode a explicação da preeminência de Paulo no trabalho, nos resultados e na influência sobre a Igreja e o mundo, ser encontrada no fato de que foi capaz de centralizar nele e no seu ministério mais orações do que os outros?

Aos seus irmãos de Roma escreveu: *“Rogo-vos, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que combatais comigo nas vossas orações por mim a Deus”*. Aos Efésios ele diz: *“Orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos; e por mim para que seja dada, ao abrir da minha boca, a palavra com confiança, para fazer notório o mistério do Evangelho”*. Aos Colossenses enfatiza: *“Orando também juntamente por nós, para que Deus nos abra a porta da Palavra, a fim de falarmos do mistério de Cristo, pelo qual estou também preso; para que o manifeste como me convém falar”*. Aos Tessalonissenses ele diz, aguda e fortemente: *“Irmãos, orai por nós”*. Paulo chama a Igreja de Corinto em seu auxílio: *“Ajudando-nos também vós com orações por nós”*.

Esta devia ser uma parte da sua obra. Eles deviam aplicar a mão de oração que auxilia. Ele, num apelo adicional e final à Igreja de Tessalônica, acerca da importância e necessidade de suas orações,

dizia. *“No demais, irmãos, rogai por nós para que a Palavra do Senhor tenha livre curso e seja glorificada, como também o é entre vós; e para que sejamos livres de homens dissolutos e maus”*. Inculca nos Filipenses que todas as suas provações e oposição podem tornar-se meios para a expansão do Evangelho pela eficiência de suas orações por ele. Filemão estava preparando um alojamento para ele, pois através da sua oração Paulo iria ser seu hóspede.

A atitude de Paulo nesta questão ilustra sua humildade e sua profunda penetração nas forças espirituais que projetam o Evangelho. Mais do que isto, ensina uma lição para todos os tempos, que, se Paulo dependia tanto das orações dos santos de Deus para dar êxito ao seu ministério, quão maior deve ser a necessidade de que as orações dos santos de Deus sejam centralizadas sobre o ministério de hoje!

Paulo não pensou que esta urgente súplica por oração viesse rebaixar a sua dignidade, diminuir sua influência ou depreciar sua piedade. Que importa se o fez? Perca-se a dignidade, destrua-se a influência, prejudique-se a sua reputação — ele devia ter suas orações.

Vocacionado, comissionado e sendo principal entre os apóstolos como ele era, todo o seu equipamento era imperfeito sem as orações do seu povo. Escreveu cartas para todos os lugares, instando com eles para orar em seu favor. Orais pelo vosso pregador? Orais por ele em secreto? As orações públicas têm pouco valor a menos que estejam fundamentadas e seguidas pela oração particular. Aqueles que oram pelo pregador serão para ele o que Arão e Hur foram para Moisés: sustentaram suas mãos levantadas e decidiram a batalha que se travava encarniçadamente em seu redor.

A súplica e o propósito dos apóstolos foram fazer a Igreja orar. Não ignoraram o lugar que a atividade, a capacidade e obras religiosas ocupavam na vida espiritual, mas nenhuma, nem todas elas, na estima ou urgência apostólica, podiam, de maneira alguma, comparar-se à necessidade e importância da oração.

As mais sagradas e urgentes súplicas foram empregadas, as mais fervorosas exortações, as mais compreensivas e despertadoras palavras foram pronunciadas para reforçar a importantíssima obrigação e necessidade da oração.

“Orem os homens em todo lugar”, é o cuidado do esforço apostólico e a nota-chave do sucesso apostólico. Jesus Cristo havia-se esforçado para fazer isso nos dias de seu ministério pessoal. De maneira que Ele foi movido por infinita compaixão nos campos maduros da terra que se perdiam por falta de trabalhadores — e suspenso em suas próprias orações — Ele procurou despertar as sensibilidades embotadas de seus discípulos para o dever da oração conforme lhes confiou, *“rogai ao Senhor da seara que envie obreiros para a Sua seara”*, e propôs-lhes

também uma parábola sobre a necessidade de orar sempre e não desfalecer.

Nossas devoções não se medem pelo relógio, mas o tempo está na sua essência. A habilidade para esperar e permanecer, e insistir, pertence essencialmente à nossa comunhão com Deus. A precipitação que é imprópria e daninha em todo lugar o é em extensão mais alarmante na grande ocupação de comunhão com Deus. Devoções curtas são a ruína da profunda piedade. Quietude, alcance, fortaleza nunca são os companheiros da precipitação. As devoções curtas arrefecem o vigor espiritual, detêm o progresso espiritual, carcomem os fundamentos espirituais, crestam a raiz e a flor da vida espiritual. Elas são a fonte prolífica da apostasia, segura indicação de uma piedade superficial; elas defraudam, mirram, apodrecem a semente e empobrecem o solo.

É verdade que as orações bíblicas em palavras e impressas são curtas, mas os homens de oração da Bíblia estavam com Deus através de muitas horas de lutas doces e santas. Ganharam por poucas palavras, mas por longa espera. As orações de Moisés registradas podem ser curtas, mas orou a Deus com jejum e poderoso clamor por 40 dias e 40 noites.

A exposição da oração de Elias pode condensar-se em uns poucos e breves parágrafos, mas sem dúvida Elias, que quando *“orando orava”*, empregou muitas horas em luta impetuosa e elevada comunhão com Deus, antes que pudesse com segura intrepidez dizer a Acabe: *“Não haverá chuva nem orvalho nestes anos senão por minha palavra”*.

O sumário verbal das orações de Paulo é curto, mas Paulo *“orava dia e noite com grande instância”*. O Pai Nosso é um divino epítome para lábios infantis, mas o homem Jesus Cristo orou muitas noites inteiras, antes que sua obra fosse realizada, e suas devoções de toda a noite e longamente sustentadas deram à Sua obra seu acabamento e perfeição, e ao Seu caráter a plenitude de glória de Sua divindade.

A obra espiritual é uma obra desgastadora e aos homens repugnantes fazê-la. A oração, a verdadeira oração, custa um preço de sérias atenções e de tempo que a carne e o sangue não estimam. Poucas pessoas são feitas de tão forte fibra que queiram fazer tão custoso gasto, quando a obra superficial bem pode passar no mercado.

Podemos habituar-nos, nós mesmos, à nossa miserável oração até que ela pareça bem a nós e, pelo menos, guarde uma forma decente e uma consciência tranquila — o mais mortal dos narcóticos! Podemos descuidar a nossa oração e não perceber o perigo até que os fundamentos tenham desaparecido. As devoções apressadas tornam a fé débil, convicções débeis, piedade suspeita. Estar pouco tempo com

Deus é ser pequeno para Deus. Encurtar a oração torna todo o caráter religioso curto, escasso, mesquinho e descuidado.

É necessário muito tempo para o pleno derramamento de Deus no espírito. As devoções curtas cortam o conduto do pleno derramamento de Deus. Necessita-se de muito tempo em lugares secretos para conseguir a plena revelação de Deus. O tempo exíguo e apressado danifica o quadro.

Henry Martyn lamenta que “a falta de leitura devocional particular e as orações curtas, por causa do trabalho incessante de fazer sermões, produziram muita estranheza entre Deus e sua alma”. Julgou que havia dedicado demasiado tempo às ministrações públicas e demasiado pouco à comunhão particular com Deus. Ficou impressionado com a necessidade de separar tempos para o jejum e devotar tempo à oração solene. Como resultado disso ele relata: “Fui auxiliado esta manhã a orar por duas horas”.

William Wilberforce, o companheiro dos reis, diz: “Devo reservar mais tempo para as devoções particulares. Tenho vivido demasiado em público e para mim. O encurtamento das devoções particulares mata a alma de fome; ela se torna pobre e lânguida. Tenho estado velando até altas horas da noite”. De um fracasso no Parlamento, ele diz: “Deixa-me registrar minha tristeza e minha vergonha, pois, provavelmente, as devoções secretas foram cortadas e assim Deus me deixou tropeçar”. Mais solidão e mais horas matutinas foram o seu remédio.

Mais tempo e mais horas matutinas para a oração atuariam magicamente para reavivar e revigorar a vida espiritual decaída de muitos. Mais tempo e horas matutinas em oração se manifestariam em um viver santo. Uma vida santa não seria uma coisa tão rara e tão difícil, se as nossas devoções não fossem tão curtas e tão apressadas.

Um temperamento cristão em sua doce e desapaixonada fragrância não seria uma herança tão estranha e desesperada se as nossas permanências no recinto secreto fôssem alongadas e intensificadas. Vivemos tão mesquinamente porque oramos mediocrementemente. A abundância de tempo para festejarmos-nos em nossos recintos secretos traria tutano e gordura às nossas vidas.

Nossa capacidade para estarmos com Deus e em nosso recinto secreto mede a nossa habilidade para estarmos com Deus fora dele. As visitas apressadas ao recinto secreto são enganosas e negligentes. Não somente somos enganados por elas, mas também perdemos por causa delas muitos meios e muitos ricos legados. A permanência no recinto secreto instrui e faz triunfar. Ela nos ensina; as mais grandes vitórias são amiúde os resultados de grandes esperas — esperas até que as palavras e os planos são esgotados, e a espera silenciosa e paciente ganha a coroa. Jesus Cristo pergunta com ênfase provocativa: “*E Deus*

não fará a justiça aos Seus escolhidos, que clamam a Ele de dia e de noite?”.

Orar é a maior coisa que podemos fazer e para fazê-la bem deve haver quietude, tempo e deliberação; de outro modo, degrada-se até o nível das coisas mais pequenas e insignificantes. A verdadeira oração tem os maiores resultados para o bem e a oração pobre, os menores. Nunca oramos demasiadamente quando realmente oramos; nunca fazemos o menos possível quando fazemos oração falsa. Devemos aprender de novo o valor da oração. Não há nada que tome mais tempo para aprender-se. E se desejamos aprender a maravilhosa arte, não devemos dar um fragmento de tempo aqui e acolá — “uma pequena conversa com Jesus”, como as crianças cantam — mas devemos requerer e tomar com poder férreo as melhores horas do dia para Deus e para oração, ou não haverá oração digna de tal nome.

Este, no entanto, não é tempo de oração; poucos são os homens queoram. A oração é caluniada pelo pregador e pelo sacerdote. Nesses dias de precipitação e afã, de eletricidade e vapor, os homens não querem tomar tempo para a oração. Há pregadores que “dizem orações” como uma parte de seu programa, em ocasiões regulares ou importantes, mas quem “se comove em si mesmo para prevalecer com Deus?”.

Quem ora como orou Jacó — até que é coroado como intercessor prevalecente e régio? Quem ora como Elias — até que todas as forças detidas da natureza sejam abertas e uma terra castigada e faminta floresça como o jardim de Deus? Quem ora como orou Jesus Cristo que, saindo para o monte, “*esteve toda a noite em oração com Deus?*”. Os apóstolos “*entregaram-se a si mesmos à oração*”. É a coisa mais difícil de levar os homens e mesmo os pregadores a fazerem.

Há leigos que darão seu dinheiro — alguns deles em abundância — mas não querem “entregar-se” à oração, sem a qual o seu dinheiro é apenas uma impreciação. Há abundância de pregadores que pregarão e pronunciarão discursos grandes e eloquentes sobre a necessidade de avivamento e de espalhar o reino de Deus, mas poucos farão aquilo sem o qual toda pregação e organização serão piores do que vãs: ORAR. Está fora da moda, a arte está quase perdida, e o maior benfeitor que este século poderia ter seria o homem que fizesse os pregadores e a Igreja voltarem à oração.

Os apóstolos podiam adquirir apenas os reflexos da grande importância de oração antes do Pentecostes. Mas o Espírito, vindo e enchendo no Pentecostes, elevou a oração à sua posição vital e todo dominante no Evangelho de Cristo. O chamado, agora, à cada santo para oração é o apelo clamoroso e exigente do Espírito. A piedade dos santos é feita, refinada e aperfeiçoada pela oração. O Evangelho move-

se com passo lento e tímido, quando os santos não estão orando de manhã, de tarde e por longo tempo.

Onde estão os líderes cristãos que podem ensinar os santos modernos a orar e colocá-los na obra? Estamos cientes de que estamos levantando um grupo de santos sem oração? Onde estão os líderes apostólicos que podem pôr o povo de Deus a orar? Deixe-os vir à frente e fazer a obra; será a maior obra que se pode fazer.

O incremento das facilidades educacionais e o grande incremento de força monetária serão a mais cruel blasfêmia à religião, se eles não forem santificados por mais e melhor oração do que a que estamos fazendo. Mais oração não virá como uma coisa natural. A campanha evangelística para o século XX ou XXX não encontrará sua ajuda em nossa oração, antes ela a estorvará se não formos cuidadosos. Nada senão um esforço específico de uma liderança que ora se aproveitará.

Os líderes devem orientar, com esforço apostólico, para enraizar a importância vital e a realidade da oração no coração e na vida da Igreja. Ninguém, a não ser os líderes que oram, pode ter seguidores que oram. Os apóstolos de oração gerarão santos que oram. Um púlpito de oração gerará bancos de penitentes que oram. Temos grande necessidade de alguém que possa reunir os santos para a tarefa da oração.

Não somos uma geração de santos de oração. Santos sem oração constituem um grupo miserável de santos que não tem nem o ardor, nem a formosura, nem o poder dos santos. Quem restaurará esta brecha? O maior dos reformadores e apóstolos será aquele que reunir a Igreja para a oração.

Isto colocamos como o nosso mais sóbrio juízo: a grande necessidade da Igreja nesta e em todas as épocas é homens de fé dominante, de tal santidade sem mancha, de tal marcado vigor espiritual e zelo consumidor, que suas orações, sua fé, suas vidas e seu ministério serão de tal forma radicais e agressivos como se operassem revoluções espirituais, que marcarão época na vida dos indivíduos e da Igreja.

Não queremos dizer homens que permitem agitações sensacionais por meio de projetos originais nem aqueles que atraem por um entretenimento agradável; mas homens que podem agitar as coisas e operar revoluções pela pregação da Palavra de Deus e pelo poder do Espírito Santo; revoluções que transformam a corrente inteira dos fatos.

A capacidade natural e as vantagens educacionais não figuram como fatores nesta questão, mas capacidade pela fé, a capacidade de orar, o poder da inteira consagração, a habilidade da pequenez própria, uma absoluta perda do eu pessoal na glória de Deus e uma constante e insaciável busca e aspiração de toda a plenitude de Deus, homens que podem inflamar a Igreja para Deus; não de uma maneira turbulenta e

ostentosa, mas com um intenso e silencioso calor que derrete e move todas as coisas para Deus.

Deus pode operar maravilhas, se Ele puder encontrar o homem conveniente. Os homens podem operar maravilhas, se puderem encontrar Deus para que os guie.

A completa dotação de espírito que revira o mundo de cima para baixo, seria eminentemente útil nestes últimos dias. Homens que podem agitar as coisas poderosamente para Deus, cujas revoluções espirituais mudam o aspecto inteiro das coisas, são a necessidade universal da Igreja.

A Igreja nunca tem estado sem estes homens; eles adornam sua história; eles constituem os milagres que provam a divindade da Igreja; seus exemplos e histórias são uma inspiração inesgotável e bendita. Um aumento de seu número e poder deveria ser o objeto de nossas orações.

Aquilo que foi feito nas coisas espirituais, pode ser feito novamente e ser feito melhor. Esta foi a visão de Cristo. Ele disse: *“Em verdade, em verdade Eu vos digo que aquele que crê em Mim também fará as obras que Eu faço, e as fará maiores do que estas; porque Eu vou para Meu Pai”*.

O passado não esgotou as possibilidades nem as exigências para fazer grandes coisas para Deus. A Igreja que depende do seu passado histórico para os seus milagres de poder e graça é uma Igreja falida.

Deus necessita de homens eleitos — homens dos quais o eu e o mundo saíram por uma severa crucificação, por uma bancarrota que totalmente arruinou o eu e o mundo e que não há nem esperança nem desejo de restaurá-los; homens que por esta insolvência e crucificação voltaram para Deus os corações perfeitos.

Oremos ardentemente a fim de que as promessas de Deus concernentes à oração possam ser mais do que realizadas.

.oOo.

